N.º 1064 OUTUBRO DE 1991 Cr$ 1.900,00
Editora Abril
PLACAR
Palmeiras - 1972 a 1974
Milan - 1988 a 1990
Corinthians - 1982 e 1983
Santos - 1960 a 1965
Bayern - 1971 a 1976
Flamengo - 1978 a 1983
São Paulo - 1985 e 1986
Botafogo - 1961 e 1962
Internacional - 1974 a 1976
Cruzeiro - 1965 a 1970
OS ESQUADRÕES
Do goleiro ao ponta-esquerda, os times que entraram para a história

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Júlio Bartolo, Miguel Sanches, Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes, Roberto Dimbério

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida
Editores: Celso Unzelte, Sérgio Martins (colaborador)
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórter: Paulo Coelho
Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e Mônica Ribeiro (colaboradores)
Assistente de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cícero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Assessor: Moacyr Guimarães
Gerentes: Dario Castilho, Nilo Galdeano Bastos, Pedro Bonaldi, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Alberto Vieira Martins (Coordenador)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Liliane Schwab, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Olavo Ferreira, Renato Bertoni, Ronaldo Lipparelli, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário - Supervisora: Marta de Moraes

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nílson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Lilica Mazer (Curitiba); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Sílvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Santa Catarina)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Edgard de Sílvio Faria, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

PLACAR

TIMES QUE FORAM PURA ARTE

O Santos de Pelé ou o Botafogo de Garrincha? O Flamengo de Zico ou o Corinthians de Sócrates? O Inter de Falcão ou o Grêmio de Renato? O Expresso da Vitória do Vasco ou a Academia do Palmeiras? O Cruzeiro de Tostão ou o São Paulo de Careca? O Fluminense de Rivelino ou o Atlético de Cerezo? É claro que como o Santos de Pelé não houve outro na história do futebol e que todas as demais perguntas não têm respostas indiscutíveis, embora o Flamengo de Zico e o Grêmio de Renato, a exemplo do Santos, tenham também sido campeões mundiais de clubes, um critério objetivo.

Mas não há objetividade que resolva questões que envolvam aspectos tão diferentes como técnica, tática, estética, emoção, paixão. Terá sido o Real Madrid de Di Stefano superior ao Ajax de Cruyjff? O Bayern de Beckenbauer seria melhor que o Benfica de Eusébio? O Milan de Gullit venceria a Juventus de Platini? E como seria um jogo entre o fabuloso River Plate dos anos 40 e o Napoli de Maradona? Ou entre o Torino, que desapareceu num acidente aéreo, e o Manchester United dos 50? Ou com o fantástico time húngaro do Honved da década de 50?

É verdade que os times de Pelé e de Mané se pegaram muitas vezes, por exemplo. Os de Zico e Sócrates também, e por aí afora. Só que nenhuma resposta é mais importante que os sonhos que esses esquadrões permitiram a milhões e milhões de torcedores que freqüentavam os estádios, muitas vezes com o mesmo espírito que leva as pessoas ao teatro para ver uma peça inesquecível.

Porque, antes de mais nada, todos os times que compõem esta edição de PLACAR têm em comum uma qualidade que os distingue dos demais: os gols que marcavam eram a conseqüência natural do amor que nutriam à arte de jogar futebol.

JUCA KFOURI

SUMÁRIO

Um show de técnica e visão de jogo: as tabelinhas entre Pelé e Coutinho, que a dupla fazia em frações de segundo

ABRIL

UM FUTEBOL DE OUTRO PLANETA

Foi o que o Santos de Pelé mostrou para conquistar com os pés os quatro cantos da Terra

RAFAEL DIAS HERRERA

Um time fantástico. **Em pé:** *Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro;* **agachados:** *Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe*

Eram mais que onze camisas brancas a encantar o mundo, como a imprensa dos anos 60 se acostumou a definir aquele time do Santos. Dentro delas, se não havia rigorosamente um craque em cada posição, existia pelo menos uma rara combinação de talentos que fazia com que um ataque fora de série superasse freqüentemente os erros de uma defesa apenas comum. Havia também, como em todo conto de fadas, um Rei, que era ao mesmo tempo gênio e atendia pelo nome de Pelé. O bastante, enfim, para mudar a história do futebol mundial.

Campeão paulista em 1935, o Santos só ganharia outro título vinte anos depois, e repetiria a dose em 1956. Mais importante que isso: foi também neste ano que um garoto então conhecido por Gasolina estreou marcando seu primeiro gol, contra o Corinthians de Santo André. Daí para frente o menino chegaria a Atleta do Século, artilheiro dos Campeonatos Paulistas de 1957 a 1965, marcaria mais de 1 300 gols, disputaria mais de 750 partidas sem perder e daria nome a uma época: a Era Pelé.

Durante esta fase, na primeira metade da década de 60, o Santos, que ganhara também o título de 1958, seria tricampeão paulista de

RAFAEL DIAS HERRERA

AG. O GLOBO

Pepe era o Canhão da Vila: com seus chutes violentos, marcou 405 gols. Só não é o maior artilheiro do Peixe porque Pelé fez mais

O volante Zito era o líder daquele esquadrão. Estava no time desde 1955 e, com ele, nem o Rei Pelé discutia

Seus nomes soam como uma coisa só aos ouvidos santistas: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Juntos, 315 gols feitos em três anos

ANTÔNIO ANDRADE

AG. JB

1960 a 1962 e campeão em 1964. Mas para vôos mais altos era fundamental repor algumas peças falhas. Como a defesa, por exemplo.

Atrás da crença em que grandes times começam com grandes goleiros, o clube foi buscar Gilmar, o melhor do Brasil, no Corinthians, em 1962. Dois anos antes o zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, futuro capitão da Seleção Brasileira bicampeã no Chile, viera do São Paulo para arrumar a zaga junto com o gaúcho Calvet.

Do meio-campo para a frente, nunca houve problema. Zito, o líder, protegia a defesa como ninguém, e o ataque sempre foi o forte: seja com Dorval, o já veterano Jair da Rosa Pinto, Pagão, Pelé e Pepe, a linha dos primeiros tempos; seja com Mengálvio no lugar de Jair e Coutinho substituindo Pagão em inigualáveis tabelinhas com Pelé. O Santos, finalmente, estava pronto para con-

O grande Santos começava pelo gol. Lá estava Gilmar, ninguém menos que o maior goleiro do Brasil em todos os tempos

ABRIL

Pelé liquida o Benfica na final do Mundial Interclubes de 1962. No fim, Santos 5 x 2

ABRIL

No ano seguinte, o bi, com Lima, Ismael e Almir nos lugares de Zito, Calvet e Pelé

ANTÔNIO ANDRADE

Depois, o Maracanã aplaude a volta olímpica dos bicampeões mundiais

ANTÔNIO ANDRADE

O capitão Mauro Ramos e a taça: o Brasil era também bicampeão mundial de clubes

quistas nacionais e internacionais, sempre sob o comando do gordo treinador Lula.

Foi a partir desta base que o Santos encantou o mundo, em excursões da Costa Rica à Grécia, passando por Israel, Itália, França, México, Venezuela, Chile, ganhando torneios e exibindo o melhor futebol a que os cinco continentes já assistiram. Veio o pentacampeonato da Taça Brasil, de 1961 a 1965; o tri no Rio-São Paulo, de 1963 a 1965; e, sobretudo, as conquistas da Taça Libertadores da América e do bicampeonato mundial de clubes, em 1962 e 1963.

As primeiras decisões internacionais importantes não trouxeram maiores supresas: a Libertadores foi ganha contra o Peñarol, em Buenos Aires, com um 3 x 0; e o mundial, contra o Benfica de Eusébio, com um 5 x 2 no estádio da Luz, em Lisboa. Mas os dois bicampeonatos, em 1962, foram dramáticos.

Decidindo a Taça Libertadores contra o Boca Juniors, da Argentina, no temido estádio de *La Bombonera*, Pelé e Coutinho construíram a vitória de 2 x 1. Até hoje, aliás, este é o único jogo pela Libertadores em que o Boca foi derrotado em seu campo. Contra o Milan, pelo Mundial, sem Pelé, Zito e Calvet, machucados, o Peixe ainda achou forças para ganhar de 1 x 0, gol de pênalti, cavado, é verdade, por Almir, que substituía o Rei, e batido por Dalmo.

Um dia o encanto acabou. As grandes vitórias deram lugar a um time comum, que, hoje, luta para se manter entre os mais expressivos. Mas talvez fosse exigir demais do Santos, ou de qualquer time de hoje, ser igual àquela equipe excepcional. Única como uma defesa de Gilmar, um chute de Pepe, um gol de Pelé.

A CAMPANHA DO BI MUNDIAL

CAMPEONATO PAULISTA
1960, 1961, 1962, 1964 e 1965

TORNEIO RIO-SÃO PAULO
1963 e 1964

TAÇA BRASIL
1961, 1962, 1963, 1964 e 1965

LIBERTADORES DA AMÉRICA
1962 e 1963
Campanha 1962
Santos 9 x Cerro Porteño (PAR) 1
Cerro Porteño (PAR) 1 x Santos 1
Santos 6 x Deportivo La Paz (BOL) 1
Deportivo La Paz (BOL) 3 x Santos 4
Santos 1 x Universidad Catolica (CHI) 0
Universidad Catolica (CHI) 1 x Santos 1
Finais
Peñarol (URU) 1 x Santos 2
Santos 2 x Peñarol (URU) 3
Santos 3 x Peñarol (URU) 0
Campanha 1963 *
Santos 1 x Botafogo (BRA) 1
Botafogo (BRA) 0 x Santos 4
Finais
Santos 3 x Boca Juniors (ARG) 2
Boca Juniors (ARG) 1 x Santos 2

MUNDIAL INTERCLUBES
1962 e 1963
Decisão (1962)
Santos 3 x Benfica (POR) 2
Benfica (POR) 2 x Santos 5
Decisão (1963)
Milan (ITA) 4 x Santos 2
Santos 4 x Milan (ITA) 2
Santos 1 x Milan (ITA) 0
* Campeão do ano anterior, o Santos disputou a partir da fase semifinal.

Comparado a Pelé quando chegou de Moçambique para brilhar no Benfica, Eusébio foi o símbolo do maior time português

ESQUADRÃO ALÉM-MAR

Um dia os portugueses despertaram para o futebol e foram além de suas fronteiras. Assim, eles quase conquistaram o mundo

Em pé: *Ângelo, Cavém, Artur, Santana, Germano e Costa Pereira;* **Agachados:** *José Augusto, Eusébio, Águas, Coluna e Simões. Por duas vezes os campeões da Europa*

Fazia mais de cinco séculos que Portugal se lançara às suas primeiras aventuras além-mar, quando onze heróis, dessa vez com uma bola nos pés e a camisa encarnada do Benfica, resolveram resgatar as conquistas do passado. Seus nomes, então, tornaram-se conhecidos de toda uma geração de portugueses e admiradores do bom futebol no início dos anos 60. Costa Pereira, João e Ângelo; Cavém, Germano e Cruz; José Augusto, Águas, Eusébio, Coluna e Simões incluíram definitivamente o nome de Portugal entre as grandes formações da Europa.

Para isso, é certo, o Benfica contava com a inestimável colaboração de jogadores vindos das colônias portuguesas na África. O

FOTOS PRESSE SPORTS

armador Coluna, por exemplo, um dinâmico organizador das jogadas do meio-campo, nascera em Moçambique. Estava no clube em 1955, quando começou a ser formado pelo técnico brasileiro Otto Glória o esquadrão que atingiria o apogeu dirigido pelo húngaro Bella Guttmann. Costa Pereira, o fantástico goleiro que cortava cruzamentos com socos precisos, era também moçambicano, como a estrela do time, Eusébio.

Foi em 1960 que Eusébio chegou para, com seus 317 gols, tornar-se ídolo nacional e maior artilheiro benfiquista. Antes de ser o artilheiro da Copa do Mundo de 1966, com nove gols, o Pantera Negra, como era conhecido, ajudaria o Benfica a conquistar a Europa duas vezes.

Em 1961, contra o Barcelona de Kubala, Kocsis, Czibor e o brasileiro Evaristo de Macedo, o Benfica foi pela primeira vez campeão europeu, vencendo por 3 x 2 a final em Berna, na Suíça. No ano seguinte, repetiria a dose — dessa vez contra outro clube espanhol, o Real Madrid, em Amsterdã. Depois de estar perdendo por 2 x 0 e 3 x 2, o time português reagiu e virou para 5 x 3, com dois gols de Eusébio. Era de novo o maior da Europa.

Para a consagração absoluta só faltou o título mundial, que o Benfica tentou duas vezes: contra o Peñarol (ganhou em Lisboa por 1 x 0, mas perdeu em Montevidéu por 0 x 5 e 0 x 1); e contra o Santos de Pelé (perdeu de 2 x 3 e 2 x 5). Mas dizia Fernando Pessoa, o maior poeta português, que o rio mais bonito era o de sua aldeia. E em Portugal, essa aldeia benfiquista, ninguém foi maior que aquele time.

Eusébio, Coluna e a taça de bicampeão da Europa: eles fizeram os três gols que viraram o jogo contra o Real

TODOS OS TESOUROS DOS ENCARNADOS

CAMPEONATO PORTUGUÊS
1957, 1960, 1961, 1963, 1964 e 1965

COPA DE PORTUGAL
1957, 1959, 1962 e 1964

COPA DOS CAMPEÕES EUROPEUS
1961 e 1962

Campanha 1961
Hearts (ESC) 1 x Benfica 2
Benfica 3 x Hearts (ESC) 0
Benfica 6 x Ujpest (HUN) 2
Ujpest (HUN) 2 x Benfica 1
Benfica 3 x AGF Aarhus (DIN) 1
AGF Aarhus (DIN) 1 x Benfica 4
Benfica 3 x Rapid Viena (ÁUS) 0
Rapid Viena (ÁUS) 1 x Benfica 1
Final
Benfica 3 x Barcelona (ESP) 2

Campanha 1962
Austria Viena (ÁUS) 1 x Benfica 1
Benfica 5 x Austria Viena (ÁUS) 1
Nuremberg (ALE) 3 x Benfica 1
Benfica 6 x Nuremberg (ALE) 0
Benfica 3 x Tottenham (ING) 1
Tottenham (ING) 2 x Benfica 1
Final
Benfica 5 x Real Madrid (ESP) 3

Flamengo

RODOLPHO MACHADO

Júnior e Nunes em mais um baile no Maracanã: rotina nos anos de ouro do rubro-negro

RICARDO CHAVES

O TIME DE TODOS NÓS

Já era a equipe de grande parte dos brasileiros. Campeão no Japão, tornou-se universal

RODOLPHO MACHADO

Em pé: Leandro, Raul, Mozer, Figueiredo, Andrade e Júnior; agachados: Lico, Adílio, Nunes, Zico e Tita. Este time ganhou tudo que disputou

Uma bem-humorada charge do rubro-negro Henfil, publicada no jornal *O Dia* em novembro de 1981, expressa bem o que foi aquele início de década para o flamenguista. Nela aparecem dois torcedores com a camisa do clube, em meio às serpentinas de mais um carnaval da vitória. De repente, um deles pergunta: "*Mermão*... me diz aí: hoje nós *tamos* comemorando campeão do turno, campeão carioca, campeão sul-americano ou o quê?"

Era mesmo difícil saber. De 1978, quando o técnico Cláudio Coutinho começou a montar aquela equipe fadada a conquistar o mundo, a 1983, quando ganhou seu terceiro título nacional, não teve para mais ninguém: o Flamengo foi quatro vezes campeão carioca (em 1978, duas vezes em 1979 — uma delas em um campeonato especial — e em 1981); três vezes campeão brasileiro (1980, 1982 e 1983) e, por fim, conquistou a Taça Libertadores e o Mundial Interclubes, em 1981.

A base daquele time fantástico vinha desde o histórico título carioca de 1978, ganho com um gol de Rondinelli, o Deus da Raça, contra o Vasco, no último minuto da decisão. O mais querido, co-

Conquista da América: Zico despacha o Cobreloa no primeiro jogo da decisão, no Maracanã

MARCELO REZENDE

Conquista do mundo: Nunes faz a festa em Tóquio nos 3 x 0 contra o Liverpool

mo dizia a letra do samba interpretado por João Nogueira, já tinha Zico, Adílio e Adão. E mais: Júnior, Tita e Paulo César Carpegiani, que, como técnico, seria ainda campeão mundial pelo clube. Teria também Raul, Leandro, Mozer, Andrade, Nunes, Figueiredo, Júlio César e Lico, nos anos seguintes. Que, de resto, reservariam o melhor da história.

Em 1979, ano em que Zico faria, sozinho, nada menos que 34 gols, viriam mais dois títulos estaduais, que deram ao clube o terceiro tri de sua história. Com 52 partidas sem derrota, o Flamengo também se igualava ao Botafogo como recordista nacional de invencibilidade. Mas ainda faltava uma coisa: provar aos críticos que não era só "um time de Maracanã", como se dizia na época. Para isso, nada melhor que um títu-

lo brasileiro, o primeiro de uma série de três.

E ele veio no ano seguinte, na disputada final da Taça de Ouro de 1980, contra o Atlético Mineiro, no Maracanã. Jogo em que Nunes seria o grande herói, autor do gol da vitória por 3 x 2. Mais que a afirmação nacional, o título abriria as portas para o Flamengo disputar sua primeira Taça Libertadores da América e, conseqüentemente, o título de campeão mundial interclubes. Não sem antes levantar mais um campeonato carioca, o de 1981, em cima do Vasco.

Graças aos gols de Roberto Dinamite, o Vasco teimava em adiar a decisão, com duas vitórias consecutivas (2 x 0 e 1 x 0). Mas o Mengão vivia dias de graça: em 8 de novembro, devolvera uma goleada de 6 x 0 ao Botafogo, sofrida anteriormente em 1972 e que até ali era motivo de gozação alvinegra; no dia 23, com categóricos 2 x 0 no Cobreloa do Chile, levantava a Taça Libertadores da América no jogo-desempate, em Montevidéu; e em 6 de dezembro, vencendo por 2 x 1, matava de vez as esperanças vascaínas no Campeonato Carioca. Uma semana depois, era a vez de aquele esquadrão conquistar o planeta.

IGNÁCIO FERREIRA

RICARDO BELIEL

Mesmo não sendo um homem-gol, Adílio marcava nos jogos decisivos, como em 81, contra o Vasco

Bastaria o primeiro tempo do jogo com os ingleses do Liverpool (quando Nunes, por duas vezes, e Adílio definiram o resultado de 3 x 0) para o mundo conhecer seu novo campeão. Mas o Flamengo queria mais. E passou a bailar com a bola nos pés em Tóquio, provocando o seguinte comentário de mister Paisley, o técnico inglês: "Nós desconhecemos este tipo de jogo. Vocês dançam, e isso deveria ser proibido"

Ao contrário do que esperavam os adversários, o Mengo, após atingir o auge, não parou. E seguiu bailando. Viria mais um bicampeonato brasileiro — com o Grêmio, em 1982, a final foi em Porto Alegre, e Nunes novamente foi o salvador: 1 x 0. Com o San-

Leandro domina com classe na defesa do Flamengo: foram anos de tormento para os rivais

Líder dentro e fora de campo, Zico foi o craque maior de uma geração de talentos por 16 anos

ABRIL

Andrade cadenciava o jogo no meio-campo, um dos pontos fortes daquele esquadrão rubro-negro

CARLOS FENERICH

tos, no Maracanã, em 1983, um inesquecível 3 x 0 garantiria outro título.

Um time que começava com a elegância de Raul, cuja experiência foi fundamental nas últimas batalhas da Libertadores. Passava por Leandro e Júnior, dois laterais mais preocupados com o apoio que com a marcação, que transplantaram seu belo futebol para a Seleção da Copa da Espanha, em 1982. E com a camisa 10, símbolo maior daqueles anos de glória, estava Zico, regendo a orquestra rubro-negra com seus passes milimétricos, lançamentos e cobranças de faltas perfeitas ou salvando a pátria com a simples explosão de sua presença nos momentos mais difíceis de cada campanha vitoriosa.

A reunião de tantas qualidades em um só time não poderia mesmo resultar em outra coisa. E o Flamengo, paixão número um do país do futebol, transformou-se também em objeto de admiração de todo o mundo.

O MUNDO É MENGO ATÉ MORRER

CAMPEONATO CARIOCA
1978, 1979, 1979 (Especial) e 1981

CAMPEONATO BRASILEIRO
1980, 1982 e 1983

LIBERTADORES DA AMÉRICA
1981
Campanha
Atlético-MG 2 x Flamengo 2
Flamengo 5 x Cerro Porteño (PAR) 2
Flamengo 1 x Olimpia (PAR) 1
Flamengo 2 x Atlético-MG 2
Cerro Porteño (PAR) 2 x Flamengo 4
Olimpia (PAR) 0 x Flamengo 0
Flamengo 0 x Atlético-MG 0
Deportivo Cali (COL) 0 x Flamengo 1
Wilsterman (BOL) 1 x Flamengo 2
Flamengo 3 x Deportivo Cali (COL) 0
Flamengo 4 x Wilsterman (BOL) 1
Finais
Flamengo 2 x Cobreloa (CHI) 1
Cobreloa (CHI) 1 x Flamengo 0
Flamengo 2 x Cobreloa (CHI) 0

MUNDIAL INTERCLUBES
1981
Decisão
Flamengo 3 x Liverpool (ING) 0

1971 - 1976 **Bayern**

OS DONOS DO MUNDO

Com craques em vez de armas, o Bayern conquistou o Mundial e a Alemanha realizou enfim o sonho antes distorcido de dominar o planeta

SVEN SIMON

Campeão alemão em 1973. Em pé: Beckenbauer, Roth, Kranthansen, Udo Lattek (técnico), Schwarzenbeck, Müller e Hoeness; agachados: Hoffman, Hansen, Maier, Schneider e Durnberger

O objetivo era o mesmo de Hitler. Dominar o mundo tirando do caminho quem se dispusesse a enfrentá-lo. As armas, no entanto, eram bem diferentes. Em vez de tanques, os alemães usavam talento. Em vez de balas, as vitórias vinham com gols. No lugar de um exército, utilizava-se o esquadrão do Bayern de Munique, que, ao contrário de seus compatriotas dos anos 40, colocou o mundo do futebol a seus pés na década de 70.

A ascensão do maior time da história da Alemanha, porém, foi longa e penosa. A primeira conquista foi a Copa da Alemanha de 1966, que abriu caminho para o título da Recopa Européia no ano seguinte e revelou ao mundo uma geração de craques como o goleiro Maier, o artilheiro Gerd Müller e principalmente Franz Beckenbauer.

Com eles, vieram os campeonatos alemães de 1969, 1972, 1973 e 1974, que credenciaram o Bayern a disputar pela primeira vez a Copa dos Campeões. As duas primeiras campanhas — 1970 e 1973 — foram apenas medianas. Mas, a partir de 1974, a Europa começou a conhecer seu melhor time, principalmente em função de três finais continentais memoráveis. Em 1974, a equipe aplicou 4 x 0 no Atlético Madrid.

PRESSE SPORTS

Contra o Atlético Madrid, em 1974, o Bayern fez 4 x 0 sob o comando de Beckenbauer

MARIA MUHLBERGER

PRESSE SPORTS

Em 1975, fez 2 x 0 no Leeds United. Em 1976, com um gol do volante Roth, venceu o Saint Etiènne por 1 x 0. Seis meses depois, o time conquistava o Mundial Interclubes em duas partidas contra o Cruzeiro — 2 x 0 em Munique e 0 x 0 no Mineirão. Mas a transferência de Beckenbauer para o Cosmos, em seguida, marcou o final do maior time da história da Alemanha. Dali em diante, apenas uma vez um clube do país ganharia a Copa dos Campeões — o Hamburgo, em 1983. Por isso, os alemães continuam gratos ao Bayern até hoje, o único a conseguir deixar o mundo aos pés da Alemanha, causando emoção em vez de pânico.

SVEN SIMON

O Kaiser ergue a taça: líder e homem de confiança do técnico Udo Lattek (ao lado)

Na neve, o Bayern venceu o Cruzeiro por 2 x 0 e começou a ganhar o Mundial

OS CAMINHOS PARA SER O MELHOR

COPA DA ALEMANHA
1971

CAMPEONATO ALEMÃO
1972, 1973 e 1974

COPA DOS CAMPEÕES EUROPEUS
1974, 1975 e 1976

Campanha 1974
Bayern 3 x Atvidaberg (SUÉ) 1
Atvidaberg (SUÉ) 3 x Bayern 1
Bayern 3 x Dínamo Dresden (ALEM.OR.) 1
Dínamo Dresden (ALEM.OR.) 3 x Bayern 3
Bayern 4 x CSKA (BUL) 1
CSKA (BUL) 2 x Bayern 1
Ujpest (HUN) 1 x Bayern 1
Bayern 3 x Ujpest (HUN) 0
Finais
Bayern 1 x Atlético Madrid (ESP) 1
Atlético Madrid (ESP) 0 x Bayern 4 *

Campanha 1975
Bayern 3 x Magdeburgo (ALEM.OR.) 2
Magdeburgo (ALEM.OR.) 1 x Bayern 2
Bayern 2 x Ararat Erevan (URSS) 0
Ararat Erevan (URSS) 1 x Bayern 0
St. Ettienne (FRA) 0 x Bayern 0
Bayern 0 x St. Ettienne (FRA) 0
Final
Bayern 2 x Leeds (ING) 0

Campanha 1976
Jeunesse Esch (LUX) 0 x Bayern 5
Bayern 3 x Jeunesse Esch (LUX) 1
Malmoe (SUÉ) 1 x Bayern 0
Bayern 2 x Malmoe (SUÉ) 0
Benfica (POR) 0 x Bayern 0
Bayern 5 x Benfica (POR) 1
Real Madrid (ESP) 1 x Bayern 1
Bayern 2 x Real Madrid (ESP) 0
Final
Bayern 1 x St. Ettienne (FRA) 0

MUNDIAL INTERCLUBES
1976
Decisão
Bayern 2 x Cruzeiro (BRA) 0
Cruzeiro (BRA) 0 x Bayern 0

* Único ano em que a decisão foi disputada em duas partidas.

Palmeiras

ACADEMIA DE VITÓRIAS

Um time solidário venceu tudo o que disputou e fez do Palmeiras o melhor do Brasil

RONALDO KOTSCHO

Onze craques imortais. Em pé: Eurico, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca; agachados: Edu, Leivinha, César, Ademir da Guia e Nei

Vinte anos se passaram, alguns craques vestiram a camisa alviverde e a torcida ainda teve o sabor de comemorar um título — o paulista de 1976. Até hoje, no entanto, cada um dos torcedores que jogo a jogo sofrem com um jejum de quinze anos sem títulos sonha em ver aqueles onze jogadores defendendo o Palmeiras: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e

JOSÉ PINTO

Leão era a segurança na defesa e garantiu campanhas onde quase só havia gols a favor. O grande time começava pelo goleiro

ABRIL

MANOEL MOTTA

Luís Pereira veio do São Bento e com um futebol clássico chegou rápido à Seleção

Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Nei. À primeira vista, um time comum, que apenas contava com três ou quatro jogadores acima da média. Para os palmeirenses, eram como deuses, para quem a coleção de títulos da década de 70 foi apenas um pequeno prêmio.

Os tempos de alegrias alviverdes, porém, começaram com um grande pesadelo. Em 1968, com boa parte da antiga Academia que vestira a camisa da Seleção Brasileira em 1965, o time esteve próximo de ser rebaixado à Segunda Divisão do futebol paulista. A partir dali, só existia uma ordem no Parque Antártica: renovação.

Ademir é o símbolo de uma fase marcada por títulos. Depois dele, nunca mais o Palmeiras viveu dias de tanta alegria

Contando com a sorte de encontrar uma grande safra de jogadores jovens, o clube contratou craques como Leão, Luís Pereira e Leivinha. Para orientá-los, a diretoria manteve apenas Dudu e Ademir da Guia, os dois maiores ídolos da torcida desde o início dos anos 60.

Mas a mescla entre juventude e

experiência, que já começara a frutificar em 1969 com a conquista do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, só conseguiria a consagração definitiva a partir da chegada de Oswaldo Brandão ao clube, no início de 1972. Tratando os jogadores quase como filhos, mas cobrando um desempenho próximo da perfeição, ele venceu praticamente tudo o que disputou pelo Palmeiras.

Basta lembrar a campanha de 1972, quando o time perdeu apenas cinco dos 78 jogos disputados, venceu o Campeonato Brasileiro e foi campeão paulista invicto. Nem assim, no entanto, Brandão parecia contente. "Não atingimos 100% em nenhum momento", afirmou o técnico ao final da temporada. E quanto maiores as cobranças, melhores os resultados. Em 1973, a equipe repetiu a dose, conquistando o título brasileiro com apenas três derrotas.

A receita era simples. Nas posições onde não havia craques, Brandão extraía regularidade, criando um esquema de jogo solidário e eficiente. O lateral-esquerdo Zeca expressava bem esse comportamento. Na campanha do bicampeonato de 1973, ele atuou em todas as partidas, garantindo a posição de ídolo da torcida, apesar de ser um dos mais fracos do elenco tecnicamente. O esforço valeu o reconhecimento da diretoria, que lhe pagou o mais alto prêmio do elenco. Ele recebeu, por todo o campeonato, 29 mil cruzeiros da época, o equivalente a 207 mil dólares.

A grande alegria palmeirense, no entanto, viria em 1974. Ao contrário dos anos anteriores, na final não houve um empate em 0 x 0. Mais do que isso: o gol foi marcado em um jogo decisivo contra o Corinthians, que perdia a chance de conquistar um título após vinte anos de espera graças a um gol de Ronaldo aos 24 minutos do segundo tempo. O centroavante não era sequer titular, mas parecia predestinado para as conquistas. Afinal, ele foi o único

LEMYR MARTINS

Dudu escapou do vexame de 1968 e foi um dos líderes dos anos 70. Raça e vigor físico nos momentos exatos

MANOEL MOTTA

César foi o último artilheiro de campeonato vestindo a camisa do Palmeiras, marcando 18 gols no Paulistão de 1971

MANOEL MOTTA

LEMYR MARTINS

GERALDO GUIMARÃES

Contra Botafogo e São Paulo, duas finais em 0 x 0 que ficaram na memória. Em 1972, apenas cinco derrotas em todo o ano

A arma para os contragolpes era Edu. Pela direita, começaram muitos dos gols do bicampeonato brasileiro de 1972 e 73

de todo o elenco a ser três vezes campeão brasileiro — ganhou com o Atlético em 1971.

Mas o trono de maior ídolo dos torcedores continuava nas mãos de um craque que organizava os ataques e ditava o ritmo do jogo como um maestro regendo uma orquestra: Ademir da Guia. Sua figura expressava o inverso de Oswaldo Brandão. Em vez de cobranças, predominava o jeito calmo e a voz pausada, quase não ouvida nos jogos. Mesmo assim, ele era o homem de confiança do treinador, que sabia que sua técnica exercia uma liderança natural e inquestionável sobre os outros jogadores.

Tanto que a fase de conquistas, mesmo com o time do bicampeonato brasileiro e dos Campeonatos Paulistas de 1972 e 1974 desfeito, ainda resistiu à saída de Oswaldo Brandão, substituído por Dino Sani em 1975. Nesse ano, o Palmeiras conquistaria o terceiro título do Troféu Ramón de Carranza — os outros foram em 1969 e 1974 — e ganharia o Paulistão da temporada seguinte. Depois de Ademir, porém, nada resistiu. Por isso, até hoje, ele é o símbolo de uma era em que o Palmeiras conhecia bem o sabor da vitória.

CAMPANHAS PARA MATAR A SAUDADE

CAMPEONATO PAULISTA
1972 e 1974

CAMPEONATO BRASILEIRO
1972 e 1973

Campanha 1972
Coritiba 1 x Palmeiras 0
Vitória 0 x Palmeiras 3
Sergipe 1 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x Botafogo 2
Palmeiras 3 x Santa Cruz 0
Palmeiras 1 x Inter-RS 1
Palmeiras 2 x Cruzeiro 2
Náutico 1 x Palmeiras 2
CRB 1 x Palmeiras 3
Palmeiras 1 x Portuguesa 0
Fluminense 0 x Palmeiras 1
Atlético-MG 0 x Palmeiras 3
Flamengo 0 x Palmeiras 1
Santos 1 x Palmeiras 0
Corinthians 1 x Palmeiras 0
Vasco 0 x Palmeiras 0
Nacional-AM 0 x Palmeiras 0
Remo 0 x Palmeiras 2
Grêmio 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x América-RJ 0
América-MG 1 x Palmeiras 2
Palmeiras 4 x Bahia 1
Palmeiras 0 x São Paulo 0
Ceará 0 x Palmeiras 3
ABC 2 x Palmeiras 2
Palmeiras 0 x São Paulo 2
Palmeiras 3 x América-RJ 1
Palmeiras 3 x Coritiba 0
Palmeiras 1 x Inter-RS 1
Final
Palmeiras 0 x Botafogo 0

Campanha 1973
Remo 0 x Palmeiras 2
Rio Negro 1 x Palmeiras 2
Santos 0 x Palmeiras 0
Atlético-PR 1 x Palmeiras 1
Grêmio 0 x Palmeiras 0
Ceará 0 x Palmeiras 2
Palmeiras 1 x Portuguesa 1
Palmeiras 1 x Olaria 0
Palmeiras 2 x Náutico 0
Palmeiras 1 x Atlético-MG 0
Vitória 1 x Palmeiras 2
Flamengo 0 x Palmeiras 2
Sergipe 0 x Palmeiras 0
Santa Cruz 0 x Palmeiras 1
América-RN 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 0 x Vasco 0
Desportiva 0 x Palmeiras 1
Comercial-MS 0 x Palmeiras 4
Goiás 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x Portuguesa 0
Palmeiras 1 x Inter-RS 0
Corinthians 1 x Palmeiras 2
Palmeiras 1 x São Paulo 2
Guarani 2 x Palmeiras 0
Grêmio 1 x Palmeiras 0
Palmeiras 1 x Santos 1
Atlético-PR 0 x Palmeiras 2
Coritiba 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 0 x Coritiba 0
Bahia 0 x Palmeiras 0
Inter-RS 0 x Palmeiras 0
Palmeiras 3 x América-RJ 1
Palmeiras 0 x Corinthians 0
Palmeiras 3 x Ceará 0
Tiradentes-PI 0 x Palmeiras 5
Palmeiras 3 x Atlético-MG 0
Vasco 0 x Palmeiras 1
Cruzeiro 0 x Palmeiras 1
Palmeiras 2 x Inter-RS 1
Final
Palmeiras 0 x São Paulo 0

DINHEIRO TRAZ FELICIDADE

Os investimentos na contratação de craques transformaram Milão na capital do futebol mundial

SIPA PRESS

O time do segundo mundial. **Em pé:** *Tassoti, Maldini, Rijkaard, Gullit, Van Basten e Pazagli;* **agachados:** *Ancelotti, Stroppa, Donadoni, Baresi e Costacurta*

O Milan joga melhor porque tem mais dinheiro ou tem mais dinheiro porque joga melhor? Durante pelo menos três anos, essa pergunta perturbou todos os apaixonados por futebol. Afinal, por mais que se buscasse outra explicação para a formação da maior equipe do planeta, era difícil fugir da constatação de que o mérito se devia à conta bancária do empresário e presidente do clube, Silvio Berlusconi. Foi ele quem investiu mais de US$ 50 milhões contratando os holandeses Gullit, Van Basten e Rijkaard e pagando salários dignos dos maiores craques do mundo.

E quanto mais se gastava, melhor era o desempenho do time, que conquistava títulos, abria novos mercados e arrecadava cada vez mais. Os investimentos de Silvio Berlusconi, porém, foram apenas uma das armas utilizadas pelo Milan para montar o melhor time da segunda metade dos anos 80. Praticamente com a mesma importância estava a ousadia de um técnico que desafiou todas as tradições do futebol italiano, colocando em prática um esquema de jogo moderno e extremamente ofensivo: Arrigo Sacchi.

As inovações começavam na

Virdis, Gullit e Colombo comemoram na campanha do título italiano de 1988. Era só o começo

ALL SPORT

Van Basten marca mais um: na grande área, certeza de muitos gols em jogos decisivos

PRESSE SPORTS

defesa, com uma marcação por zona — diferente da individual utilizada pelos demais clubes da Itália — e dois laterais que apoiavam o ataque constantemente — Tassoti e Maldini. Se não bastasse, o líbero Baresi tinha total liberdade para auxiliar os atacantes e empurrava a equipe à frente durante os noventa minutos. A partir daí não havia segredo. Bastava entregar a bola a Donadoni, Rijkaard ou ao astro maior Gullit e se deliciar vendo a bola correr de pé em pé. Para completar, na grande área existia a presença de Marco Van Basten, transmitindo a certeza do gol sempre que a bola se aproximava.

Mas foi sem dois desses jogadores — Van Basten, contundido, e Rijkaard, que só chegaria em setembro de 1988 — que o clube deu o primeiro passo para

Donadoni era um dos maestros do ataque que fazia a bola rolar de pé para pé

SIPA PRESS

SIPA PRESS

Rijkaard marca na final do Mundial de 1990. O bi estava mais próximo

construir seu reinado, vencendo o Campeonato Italiano da temporada 1987/88. Em seus lugares estavam Colombo, no meio-campo, e Virdis, que, ao lado de Gullit, formou uma dupla capaz de fazer o Vesúvio voltar à atividade, acabando com uma diferença de cinco pontos em relação ao Napoli para conquistar o título.

Van Basten ainda voltaria a tempo de participar da maior festa da campanha: a vitória por 3 x 2 sobre o Napoli, em Nápoles. O artilheiro entrou no segundo tempo e ainda deixou sua marca.

A Itália, no entanto, era só o começo. No ano seguinte viria a Copa dos Campeões da Europa, e o sonho de tornar o Milan dos anos 80 uma reedição do Real Madrid dos 50. A concretização parecia estar próxima após a goleada histórica por 5 x 0 contra o próprio Real Madrid, nas semifinais do torneio continental da temporada 1988/89, que classificou o time para a decisão contra o Steaua Bucarest, da Romênia. Na final, outra goleada, por 4 x 0, com dois gols de Gullit e Van Basten.

PASTORE REPOR PRESS

Sem Van Basten, Virdis foi o artilheiro do time com onze gols no Italiano de 1988

Esse jogo, porém, marcou o início de uma nova fase para o clube. Gullit se contundiu e foi obrigado a abandonar os campos durante um ano. Mas a torcida não tinha razões para se preocupar. Sem Gullit, a criação de jogadas ficava a cargo de Frank Rijkaard, que já se juntara ao time. Os gols continuavam sob responsabilidade de Van Basten. E foram muitos. Na campanha do vice-campeonato italiano da temporada 1989/90, ele foi o artilheiro com 19 gols. Na Copa dos Campeões do mesmo ano, mais três. Tudo além de um na Copa da Itália

Mesmo assim, a caminhada rumo ao título europeu de 1989/90 não foi marcada por goleadas, como a anterior. Contra o Real Madrid, por exemplo, o time se classificou com um sofrido 2 x 0 e uma derrota por 1 x 0. Contra o Malines da Bélgica, nas quartas-de-final, só conseguiu a vitória por 2 x 0 no segundo tempo da prorrogação. Na final contra o Benfica, um único gol de Rijkaard, aos 22 minutos do 2.º tempo, garantiu o título.

SIPA PRESS

Pazagli ergue a taça do bi mundial. O Milan era, de fato, o melhor do planeta

AS TAÇAS QUE OS DÓLARES NÃO PAGAM

CAMPEONATO ITALIANO
1988

COPA DOS CAMPEÕES EUROPEUS
1989 e 1990
Campanha 1989
Vitosha Sofia (BUL) 0 x Milan 2
Milan 5 x Vitosha Sofia (BUL) 2
Milan 1 x Estrela Vermelha (IUG) 1
Estrela Vermelha (IUG) 1 x Milan 1 *
Werder Bremen (ALE) 0 x Milan 0
Milan 1 x Werder Bremen (ALE) 0
Real Madrid (ESP) 1 x Milan 1
Milan 5 x Real Madrid (ESP) 0
Final
Milan 4 x Steaua (ROM) 0
* Nos pênaltis, Milan 4 x 2
Campanha 1990
Milan 4 x Helsinque (FIN) 0
Helsinque (FIN) 0 x Milan 1
Milan 2 x Real Madrid (ESP) 0
Real Madrid (ESP) 1 x Milan 0
Malines (BÉL) 0 x Milan 0
Milan 2 x Malines (BÉL) 0
Milan 1 x Bayern (ALE) 0
Bayern (ALE) 2 x Milan 1
Final
Milan 1 x Benfica (PORT) 0

MUNDIAL INTERCLUBES
1989 e 1990
Decisão (1989)
Milan 1 x Nacional (COL) 0
Decisão (1990)
Milan 3 x Olimpia (PAR) 0

A campanha difícil teve uma explicação: a equipe chegou às finais das três competições que disputou na temporada, sagrando-se vice-campeã italiana e da Copa da Itália e vencendo a Copa dos Campeões. Mas o excesso de jogos provocou o desgaste do time, que perdeu o título italiano deste ano para a Sampdoria, não chegou sequer às finais da Copa da Itália e foi eliminado da Copa da Europa pelo Olympique de Marselha em um jogo que acabou, ao menos temporariamente, com o principal mercado do clube. O Milan abandonou o campo após ver as luzes do estádio apagadas quase no final da partida, e foi impedido de disputar qualquer torneio continental na temporada 1991/92.

Com isso, o técnico Arrigo Sacchi deixou o clube para aguardar um possível chamado da Seleção Italiana. Sem ele, o charme do grande Milan se desfez quase completamente. No lugar do futebol ofensivo e da marcação por zona, está de volta a marcação individual, reimplantada pelo novo treinador, Fabio Capello. A estrutura da equipe, porém, com os craques que conquistaram todos os títulos dos últimos anos, continua em pé. Por isso, os milaneses ainda têm uma certeza: o Milan é o maior time do mundo.

Contra o Steaua, Van Basten e Gullit fizeram dois: o título era deles

ALL SPORT

VITÓRIAS EXPRESSIVAS

Essa era a síntese do Vasco nos anos 40, um time tão bom que virou base da Seleção em 1950

ABRIL

Os condutores do Expresso da Vitória. Em pé: Eli, Jorge, Barbosa, Rafanelli, Augusto e Danilo; agachados: Djalma, Lelé, Dimas, Maneca e Chico

Base da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950; três vezes campeão estadual invicto em quatro anos (1945, 1947 e 1949) e, no quinto, bicampeão (1950); primeiro clube brasileiro a ganhar um torneio no exterior — o dos Campeões Sul-Americanos, no Chile, em 1948; e dono de um tabu de seis anos sem derrotas para o maior rival (o Flamengo). O que mais um torcedor pode querer de seu time? Nos anos 40, os felizes vascaínos tiveram tudo isso. E muito mais: um esquadrão que, pelas qualidades individuais de seus jogadores e pela força de seu conjunto, entrou para a posteridade como o Expresso da Vitória.

No começo, chamava a atenção pelo seu fantástico ataque. Djalma, Lelé, Ademir, Jair da Rosa Pinto e Chico marcaram 58 gols em apenas dezoito jogos, na campanha pelo título de 1945. Treinado pelo uruguaiao Ondino Vieira (que mexeu até no uniforme do time, fazendo-o parecido com o do River Plate) e, posteriormente, por Flávio Costa, o Vasco, porém, era mais que aquela linha demolidora. Contava também com a segurança de Barbosa, cujo prestígio no clube não seria abalado nem pela perda da Copa do Mundo para o Uruguai; com Maneca, o talentoso meia que chegou em 1946 e viveu toda a fase áurea do Expresso, até 1952; com a regularidade de Eli e Jorge em sua linha-média; e, sobretudo, com Danilo Alvim, o Príncipe, que personificava o toque de classe àquele esquadrão.

Impulsionado pelos gols de Ademir de Menezes, que, depois de rápida passagem pelo Fluminense, em 1946, voltaria para ser campeão e artilheiro em 1949 e 1950, com 30 e 25 gols, o Ex-

ABRIL

Ademir era o que faltava ao ataque do Vasco. Quando ele chegou, foi campeão cinco vezes e artilheiro duas. Fez quase 400 gols

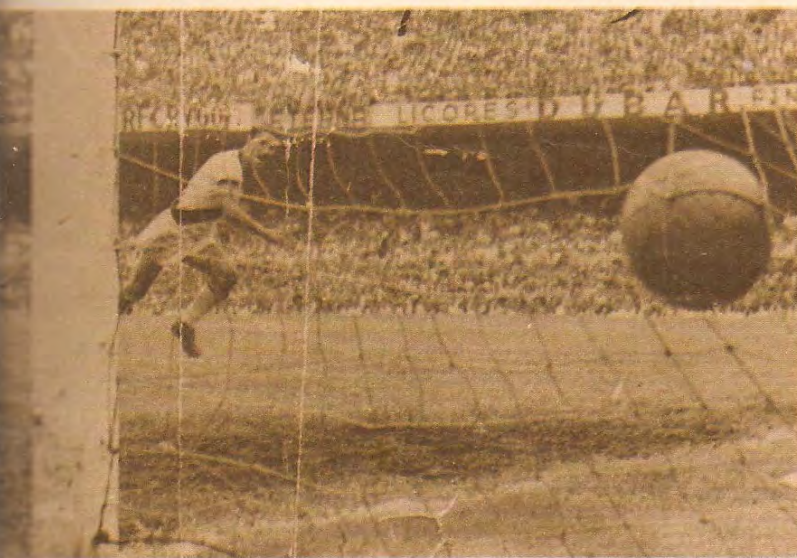
AG. O GLOBO

FOTOS ABRIL

Com Chico (esq.) na ponta, o maior título: campeão sul-americano de clubes, no Chile, em 1948

presso reinou absoluto e a todo o vapor até 1952, quando conquistou mais um título carioca. Em 1947, o Supervasco aplicaria no Canto do Rio a maior goleada do profissionalismo: 14 x 1. O América, derrotado por 8 x 2 em 1949, o Botafogo e o Fluminense, ambos goleados por 4 x 0 em 1950, foram outras vítimas do Expresso. Entre elas, aliás, a maior foi sempre o Flamengo, que, entre abril de 1945 e setembro de 1951, passou vinte jogos sem ganhar do Vasco.

A consagração daquele time viria com a conquista da Taça América del Sur, no Chile, em 1948. O torneio, promovido pelo Colo-Colo, reunia os clubes campeões dos países sul-americanos numa espécie de "campeonato-vovô" da Taça Libertadores da América. E o título, o primeiro de uma equipe brasileira no exterior, foi ganho com um 0 x 0 contra *La Maquina* do River Plate. Mesmo assim, porque o juiz anulou um gol do ponta Chico.

Mas o melhor estaria ainda por vir: em 1950, na Copa disputada no Brasil, nada menos que oito vascaínos — Ademir, Alfredo, Augusto, Barbosa, Chico, Danilo, Eli e Maneca — faziam parte da Seleção que, apesar do brilhante futebol demonstrado, perdeu a final para o Uruguai, por 2 x 1. E quem viu o Expresso da Vitória jogar garante até hoje: se, em vez da Seleção, o Vasco estivesse em campo, o resultado seria outro.

O Expresso não perdoava: o Flamengo, por exemplo, ficou seis anos sem ganhar do Vascão

EM 1948, O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES

CAMPEONATO CARIOCA
1945, 1947, 1949, 1950 e 1952

TORNEIO DOS CAMPEÕES SUL-AMERICANOS
1948

Campanha:
Vasco 1 x Litoral (BOL) 0
Vasco 4 x Nacional (URU) 0
Emelec (EQU) 0 x Vasco 1
Colo-Colo (CHI) 1 x Vasco 1
Vasco 0 x River Plate (ARG) 0

ENTRE EM CAMPO COM O TIME DO SEU CORAÇÃO.

A Foot Sport tem os uniformes oficiais dos grandes clubes do Brasil e do Exterior. Além disso, oferece uma ampla linha de produtos esportivos. Não fique fora dessa jogada. Preencha em letra de forma o pedido de compra até a data de validade e receba pelo correio a sua encomenda do seu time do coração.

OS PRODUTOS FOOT SPORT ESTÃO DISPONÍVEIS NESTES CLUBES/SELEÇÕES:

JUVENTUS (TURIM)
LECCE
LIVERPOOL
MILAN
NAPOLI
OLYMPIQUE (MARS)
PARMA
PEÑAROL
PORTO
PSV
REAL MADRI
RIVER PLATE
ROMA
SAMPDORIA
TORINO
VERONA

SELEÇÕES

ALEMANHA
ARGENTINA
AUSTRIA
BELGICA
BRASIL
CAMARÕES
CHILE
COLOMBIA
ESCOCIA
ESPANHA
ESTADOS UNIDOS
FRANÇA
HOLANDA
INGLATERRA
ITALIA
RUSSIA
SUECIA

INFORMAÇÕES E PEDIDOS:
(0192) 70-2088
FAX (0192) 70.48.58
TELEX (019) 1685

VALIDADE DESTA OFERTA: 30/11/91

Nº	PRODUTO	VALOR Cr$
1	BOLSA ESPORTIVA PERSONALIZADA	17.900,00
2	CAMISA OFICIAL UNIFORME 1 E 2 M. CURTA	16.900,00
3	BONÉ PERSONALIZADO	5.900,00
4	COLETE DE TREINO	13.900,00
5	CAMISA OFICIAL UNIFORME 1 E 2 M. LONGA	19.900,00
6	CAMISA DE TREINO	13.900,00

PEDIDO DE COMPRA

SIM, QUERO ADQUIRIR O(S) PRODUTO(S) FOOT SPORT RELACIONADOS ABAIXO, PAGANDO QUANDO RECEBER A ENCOMENDA PELO REEMBOLSO POSTAL.

	QUANT.	MODELO, COR, TAM. CLUBE OU SELEÇÃO, ETC.	VALOR Cr$
1			,00
2			,00
3			,00
4			,00
5			,00
6			,00

INFORMAÇÕES E PEDIDOS FAX (0192) 70.48.58
FONE: (0192) 70-2088 TELEX (019) 1685

TOTAL Cr$,00

NOME
ENDEREÇO Nº
CIDADE ESTADO CEP
FONE ASSINATURA
CPF

VALIDADE DESTA OFERTA: 30/11/91

01/433

13900 - Amparo - SP

O SELO SERÁ PAGO POR:

CARTÃO-RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR

ISR - 40-3248/84
U.P. - AMPARO
DR/SÃO PAULO

ENTENDA MELHOR O SEU PAÍS.

Jarbas

BRASIL DIA-A-DIA é um especial do ALMANAQUE ABRIL que mostra todos os acontecimentos dos últimos 60 anos da nossa história, década por década.

Uma obra obrigatória para você entender o Brasil, hoje.

Grátis: Mapa Político do Brasil no formato 90x90 cm.

Nas bancas.

1974 - 1976

Internacional

O FURACÃO COLORADO

Nos anos 70, ninguém foi melhor que aquele time. Para ele, o Rio Grande logo ficou pequeno — e, assim, o Inter conquistou o país

J.B. SCALCO

Campeões do Brasil. Em pé: Manga, Cláudio, Figueroa, Vacaria, Marinho Peres e Falcão; agachados: Valdomiro, Jair, Dario, Caçapava e Lula

Depois da derrota da Holanda para a Alemanha na final da Copa de 1974, o mundo se dividia em adeptos do futebol-arte e defensores do futebol-força. Foi quando apareceu o Internacional de Porto Alegre, apresentando uma combinação ideal das duas formas de jogar. Enquanto o trabalho duro ficava por conta de Figueroa, Marinho Peres e Caçapava, craques como Batista, Jair e, sobretudo, Falcão podiam tratar a bola com requinte.

Foi assim que aquela equipe completou o trabalho iniciado pelo velho time dos primeiros anos de Beira-Rio (que já tinha Figueroa, Carpegiani e Valdomiro), levantando o hexacampeonato gaúcho, ao vencer o Grêmio por 1 x 0, em 1974. Ali nascia o esquadrão colorado.

Um time à imagem de Rubens Minelli, contratado para substituir Dino Sani — com jogadores fortes, combativos e objetivos, sem, no entanto, abrir mão do apuro na técnica. E também à semelhança de seu capitão, o chileno *Don* Elias Figueroa. Sua missão, de 1971 a 1977, era limpar a área colorada. E isso Figueroa fazia como ninguém — nem que fosse à base de cotovelaços. Que o diga Palhinha, vítima desse tipo de jogada desleal na final do Campeo-

Falcão foi um gênio, o maior jogador daquele celeiro de ases do Inter

NICO ESTEVES

LEMYR MARTINS

Figueroa era o dono da área colorada. "Aqui só entra quem eu quero", dizia ele

ABRIL

Batista só arranjou lugar no time em 1976, mas quando entrou não saiu mais

nato Brasileiro de 1975, contra o Cruzeiro. Não se tratava, porém, de um zagueiro pura e simplesmente viril. Sua intimidade com a bola era tanta que, nesse mesmo jogo, o capitão Figueroa ainda acharia tempo para marcar o histórico gol do primeiro título brasileiro do Inter, e de cabeça, aos 11 minutos do segundo tempo.

Em 1976, com as chegadas de Marinho Peres e Dario (o folclórico Rei Dadá), o que era bom ficou ainda melhor. Mas, aí, o problema passou a ser o excesso de craques. Mesmo com Paulo César Carpegiani, titular na Copa de 1974, machucado, Batista, que seria titular da Seleção na Argentina, em 1978, penou para achar um lugar no time. O mesmo acontecia com Escurinho no comando de ataque. Em seu caso, era mesmo muito difícil superar Dario, que, com sua irreverência e promessas (quase sempre cumpridas) de gols decisivos, identificou-se como poucos com a torcida.

Um deles era o goleiro Manga. Já veterano, beirando os 40 anos,

J.B. SCALCO

Paulo César Carpegiani foi peça importante nos primeiros tempos do esquadrão

RICARDO CHAVES

J.B. SCALCO

No meio-campo, o vigor de Caçapava ao lado da técnica de Batista e Falcão era privilégio que poucos times tinham

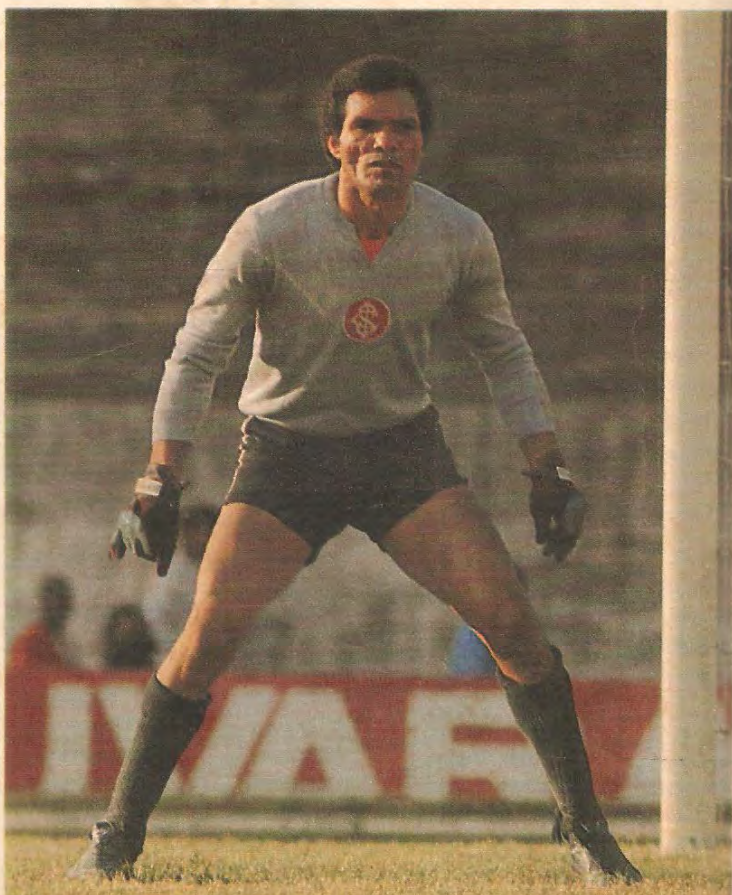
Na hora da decisão, Falcão também jogava duro. Tempos difíceis para o Grêmio

ele chegou ao clube para garantir os dois títulos nacionais com atuações inesquecíveis. Completando esse quadro favorável à conquista do bicampeonato nacional, que acabou vindo com uma vitória de 2 x 0 sobre o Corinthians, no Beira-Rio, estava Falcão. Na semifinal contra o Atlético Mineiro, ele protagonizou um dos lances mais bonitos daquele grande Internacional: a partida estava 1 x 1, e era o último minuto de jogo. Aí, Escurinho e o futuro Rei de Roma foram trocando passes de cabeça e invadindo a área do Galo — uma, duas, três vezes, até a conclusão de Falcão, com o pé direito, vencendo o argentino Ortiz. Assim Falcão virou ídolo.

É lógico que a conquista do Brasil não excluía, necessariamente, a manutenção da hegemonia no Rio Grande do Sul. Por isso, o supertime do Inter tratou de transformar o pentacampeonato que havia herdado em um octacampeonato, com os títulos gaú-

ABRIL

Defesas arrojadas e irreverência fora de campo fizeram do goleiro Manga um ídolo

Figueroa sobe com a defesa cruzeirense e o Inter ganha seu primeiro título nacional

chos de 1974, 1975 e 1976. Tempos difíceis para o Grêmio, que teimava em enfrentar o colorado com jogadores apenas medianos, do nível de Beto Fuscão, Neca e Zequinha.

Da formação daquele grande Inter até sua gradativa dissolução, só o ponta-direita Valdomiro esteve presente em todas as campanhas. Convocado para a Seleção Brasileira na Copa de 1974, fazia questão de deixar seus gols nos Gre-Nais decisivos, como aconteceu em 1974 e 1978. Marcava até mesmo em jogos que terminavam 0 x 0, como em 1969, quando teve anulado seu gol, o da vitória, no primeiro Gre-Nal decisivo que os dois disputaram no Beira-Rio.

Falcão, o maior jogador daquela equipe, ficaria a tempo de ser campeão gaúcho em 1978 e brasileiro em 1979, partindo depois para a Roma, da Itália. Levava com ele, também, o grande sopro de talento daquele Inter inesquecível.

GLÓRIAS DE UMA MÁQUINA DE JOGAR FUTEBOL

CAMPEONATO GAÚCHO
1974, 1975 e 1976 *

CAMPEONATO BRASILEIRO
1975 e 1976

Campanha 1975
Inter 3 x Figueirense 1
Vitória 0 x Inter 5
Goiânia 0 x Inter 1
Portuguesa 0 x Inter 2
Inter 1 x Grêmio 1
Inter 1 x Santa Cruz 0
Inter 1 x Santos 0
Inter 5 x Sergipe 0
América-RN 1 x Inter 1
Campinense 0 x Inter 3
Flamengo 2 x Inter 1
Atlético-MG 0 x Inter 2
Inter 4 x Remo 0
Inter 2 x Tiradentes 0
Inter 1 x Cruzeiro 1
Inter 3 x Fluminense 1
Inter 1 x Corinthians 1
América-RJ 1 x Inter 0
Coritiba 0 x Inter 0
Inter 2 x Guarani 0
Palmeiras 0 x Inter 0
Santa Cruz 1 x Inter 0
Inter 3 x Sport 1
São Paulo 0 x Inter 0
Inter 1 x Grêmio 0
Náutico 0 x Inter 1
Inter 1 x Flamengo 1
Inter 3 x Portuguesa 0
Fluminense 0 x Inter 2
Final
Inter 1 x Cruzeiro 0

Campanha 1976
Inter 6 x Figueirense 0
Grêmio 1 x Inter 3
Caxias 2 x Inter 1
Avaí 0 x Inter 4
Desportiva 1 x Inter 4
Santos 1 x Inter 3
Inter 3 x Rio Branco 0
Inter 1 x Palmeiras 0
Fluminense 1 x Inter 1
Goiás 0 x Inter 3
Inter 2 x América-RN 0
Inter 2 x Fortaleza 0
Inter 3 x Botafogo-SP 0
Coritiba 1 x Inter 0
Botafogo-SP 1 x Inter 4
Inter 5 x Santa Cruz 1
Inter 2 x Caxias 0
Palmeiras 1 x Inter 2
Inter 2 x Ponte Preta 0
Inter 3 x Portuguesa 0
Inter 2 x Atlético-MG 1
Final
Inter 2 x Corinthians 0

* Antes da formação do esquadrão, o Inter já havia vencido os Campeonatos Gaúchos de 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973

1981 - 1986 **Juventus**

NINHO DE COBRA CRIADA

A Juve substituía craques por outros ainda maiores e ganhou assim tudo o que tinha direito

O lateral Cabrini foi um dos poucos craques que formaram em todos os times da Juventus no período e ganhou sete títulos

DAVID CANNON/ALL SPORT

Em pé: *Brio, Scirea, Favero, Tacconi e Bonini; agachados: Briaschi, Boniek, Platini, Tardelli, Rossi e Cabrini*

PRESSE SPORTS

Pouquíssimos times exerceram, na história do futebol italiano, um domínio tão amplo sobre seus adversários como a Juventus de 1981 a 1986. Durante este período, a Velha Senhora, como o clube é chamado carinhosamente, foi quatro vezes campeã da Itália (1981, 1982, 1984 e 1986), conquistou os títulos europeu e mundial interclubes (1985) e ganhou, de quebra, uma Copa da Itália (1983). Ou seja, não houve um único ano em que seus torcedores não tiveram algum motivo para comemorar. A Juventus deste início da década de 80 era tão forte que metade da Seleção Italiana tricampeã mundial na Espanha, em 1982, vestia a sua camisa: o goleiro Zoff, os zagueiros Cabrini, Gentile e Scirea, o meio-campista Tardelli e o centroavante Paolo Rossi.

Antes dela, só outras três equipes reinaram de modo tão claro no *calcio:* a própria Juventus, pentacampeã italiana em 1931, 1932, 1933, 1934 e 1935; o Bologna, quatro vezes campeão entre 1936 e 1941; e o Torino, pentacampeão em 1943, 1946, 1947, 1948 e 1949 (os cam-

SIPA PRESS

GUERIN SPORTIVO

Suspenso por se envolver com a máfia da Loteria italiana, Paolo Rossi foi reabilitado pela Juve. Ganhou cinco títulos

Platini deu o toque final de classe à equipe a partir de 1983. Ganhou cinco títulos

ARMÊNIO ABASCAL

O zagueiro Scirea participou de todas as campanhas do time no período. Ganhou sete títulos

peonatos de 1944 e 1945 não foram disputados por causa da Segunda Guerra Mundial). O segredo da Juventus dos anos 80 foi não permitir jamais que o nível técnico caísse. Se por algum motivo desfazia-se de um craque, colocava outro rapidamente em seu lugar.

Assim, para fortalecer o ataque, substituiu o meio-campista irlandês "Lian" Brady, bicampeão italiano em 1981 e 1982, pelo centroavante Paolo Rossi, então suspenso por envolvimento no escândalo da Loteria Esportiva. Para os lugares de Virdis e Galderisi, trouxe o francês Platini e o polonês Boniek, e quando este se transferiu para a Roma, depois da conquista do título europeu em

GADDOFFE

O goleiro Tacconi entrou na vaga de Zoff em 1984. Botou no peito nada menos do que quatro faixas

ABRIL

1985, o clube não fez por menos: comprou o passe do dinamarquês Laudrup.

Com isso, a Juventus tinha sempre um timaço para colocar em campo, ano após ano, e chegava naturalmente às finais das mais importantes competições. Foi o que aconteceu em 1983, quando disputou o título da Copa Européia dos Campeões, sendo derrotada pelo Hamburgo, por 1 x 0. Dois anos depois, porém, lá estava a velha Juve de novo decidindo o título da Europa contra o Liverpool. E desta vez não teve perdão: vitória por 1 x 0, gol de Platini, num jogo que entrou para a história como a Tragédia de Heysel, em alusão aos 38 torcedores mortos nas arquibancadas do Estádio de Heysel, em Bruxelas.

Esse time campeão da Europa era formado por Tacconi, Favero, Scirea, Brio e Cabrini; Bonini, Mauro, Manfredonia e Platini; Serena e Laudrup. Uma escalação bastante diferente daquela equipe original,

O polonês Boniek ficou na Juve de 1983 a 1985. Foi campeão italiano e europeu, além de vencer uma Copa da Itália

ARMÊNIO ABASCAL

Gentile, um marcador duro e eficiente, ficou na equipe até 1984. Ganhou quatro títulos

Tóquio, 1985: os jogadores comemoram a conquista do Mundial Interclubes. No ano seguinte, fechariam o período de ouro do time com um quarto scudetto

DAVID CANNON/ALL SPORT

O meia Tardelli só não participou do título italiano de 1986. No mais, foi campeão europeu e mundial

ARMÊNIO ABASCAL

vencedora do Campeonato Italiano de 1981, que tinha Zoff, Gentile, Scirea, Cuccureddu e Cabrini; Furino, Tardelli e Brady; Causio, Bettega e Fanna. Como se vê, apenas Cabrini e Scirea aparecem nas duas formações, demonstrando como a Juventus se fortalecia a cada ano.

Sete meses depois de conquistar a Europa, a Juve estava em Tóquio, enfrentando o Argentinos Juniors, pelo título mundial interclubes. Um show, apesar do empate de 2 x 2 no tempo regulamentar. O juiz alemão Roth chegou a anular um gol de Platini, numa das maiores injustiças já vistas em qualquer campo do mundo. O meia francês recebeu a bola na entrada da área, deu um lençol em dois adversários e chutou de sem-pulo no canto do goleiro argentino Vidallé. Nos pênaltis, porém, fez-se justiça, com a Juve ganhando de 6 x 5. Merecidamente, a Velha Senhora era campeã do mundo, um título sob medida para o melhor time da primeira metade da década de 80.

OS JOGOS DO EUROPEU DE 1985

CAMPEONATO ITALIANO
1981, 1982, 1984 e 1986

COPA DA ITÁLIA
1983

RECOPA
1984

COPA DOS CAMPEÕES
1985

Campanha
Ilves Tampere (FIN) 0 x Juventus 4
Juventus 2 x Ilves Tampere (FIN) 1
Juventus 2 x Grasshoppers (SUÍ) 0
Grasshoppers (SUÍ) 2 x Juventus 4
Juventus 3 x Sparta Praga (TCH) 0
Sparta Praga (TCH) 1 x Juventus 0
Juventus 3 x Bordeaux (FRA) 0
Bordeaux (FRA) 2 x Juventus 0

Final
Juventus 1 x Liverpool (ING) 0

MUNDIAL INTERCLUBES
Juventus 2 x Argentinos Juniors (ARG) 2 *
* A Juventus venceu na disputa por pênaltis por 6 x 5.

GLORIOSO COMO NUNCA

Da Seleção Brasileira bicampeã mundial em 1962, nada menos do que cinco jogadores pertenciam ao Botafogo — um time que ganhava todas

AG. O GLOBO

***O Fogão de 1962. Em pé:** Rildo, Manga, Zé Maria, Nílton Santos, Aírton e Chicão; **agachados:** Garrincha, Didi, Amoroso, Amarildo e Zagalo*

Quando o Brasil entrou em campo para a sua primeira partida da Copa de 1962, contra o México, o Botafogo tinha nada menos do que quatro de seus jogadores como titulares absolutos da Seleção: Nílton Santos, Didi, Garrincha e Zagalo — exatamente o mesmo número que o poderosíssimo Santos (Gilmar, Mauro, Zito e Pelé). Mas bastou o Rei se machucar no segundo jogo, contra a Tcheco-Eslováquia, para o alvinegro carioca golear o alvinegro paulista na escalação: com a entrada de Amarildo, na ponta-de-lança, o Botafogo passou a ter cinco titulares na equipe brasileira bicampeã mundial, contra três do Santos. E, se ter jogadores na Seleção nacional prova o poderio de um clube, não resta qualquer dúvida de que o Fogão era um timaço.

***Nílton Santos, um dos cracaços do time:** sabia tanto de bola que era chamado de Enciclopédia do Futebol*

ABRIL

ABRIL

AG. O GLOBO

Gol de Garrincha na decisão do Carioca de 1962: um ponta que era, de fato, a alegria da galera

O Botafogo daquela época jogava em um mesmo ritmo, como provam Didi e Garrincha

Os torcedores adversários, míopes pela paixão, podem alegar que a sua defesa era fraca, embora possuísse um grande goleiro, Manga, e Nílton Santos, um craque tão perfeito que passou para a história como a Enciclopédia do Futebol. Os botafoguenses dão de ombro, argumentando com lógica: mas quem possuía um ataque formado por Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo e Zagalo precisava se preocupar com a defesa? Os números mostram que, de fato, não. Pois, apesar da alegada fragilidade de sua linha de zaga, o Fogão conquistou o bicampeonato carioca em 1961 e 1962 e foi também campeão do Torneio Rio-São Paulo, então a mais forte competição interestadual

que havia no futebol brasileiro.

E esses títulos foram ganhos de forma irrefutável. Em 1961, por exemplo, o Botafogo perdeu apenas uma partida no Campeonato Carioca, vencendo 18 e empatando 6. Seu ataque marcou 54 vezes, enquanto sua defesa sofreu apenas 18 gols, o que dá um saldo positivo de 36. No ano seguinte, nem mesmo o fato de ter cedido meio time para a Seleção disputar o Mundial do Chile ameaçou o bi estadual. Na final contra o Flamengo, o time, já contando com os recém-campeões mundiais Garrincha, Nílton Santos, Amarildo e Zagalo (Didi foi o único desfalque), o Fogão goleou com facilidade o adversário por 3 x 0, dando um tal show de bola que Gérson, escalado na ponta-esquerda para marcar Garrincha pelo técnico Flávio Costa, sentiu-se tão humilhado que não quis mais ficar na Gávea, transferindo-se mais tarde para General Severiano, a então sede alvinegra.

A montagem desse verdadeiro esquadrão deve-se muito à filosofia de alguns botafoguenses históricos, como o falecido jornalista João Saldanha, que defendia corretamente a tese de que um grande clube precisa de grandes craques. Por isso, quando Didi, inadaptado no Real Madrid, demonstrou interesse em voltar para o Brasil, o Botafogo não titubeou em readquirir seu passe, que o próprio clube havia vendido em 1959. Antes de Didi, o Fogão também não pensara duas vezes ao comprar o campeão do mundo Zagalo junto ao arquiinimigo Flamengo.

Ao lado de Garrincha, Nílton Santos, Manga e Quarentinha, os dois craques formavam a fortíssima espinha daquele timaço, que tinha ainda o lateral-esquerdo Rildo — revelara-se um pouco antes como um grande jogador no Nordeste — e um jovem atacante chamado Amarildo, oriundo das divisões inferiores. Tanto craque junto só mesmo no Santos. Não é à toa, portanto, que os dois clu-

RODOLPHO MACHADO

Garra, técnica, eficiência: assim era Amarildo, que será sempre lembrado como o Possesso da Copa de 1962

AG. JB

Em fins dos anos 50, o Botafogo foi buscar o campeão mundial Zagalo no Flamengo para formar um superataque

Na festa do bi carioca de 1962, uma homenagem justa da galera: Didi carregado em triunfo

AG. O GLOBO

Uma cena comum no Maracanã na década de 60: Garrincha põe os adversários em fila

ALBERTO FERREIRA/AG. JB

UM BI PARA NINGUÉM DISCUTIR

CAMPEONATO CARIOCA
1961 e 1962

Campanha 1961
Botafogo 2 x América 0
Bangu 1 x Botafogo 1
Botafogo 2 x Flamengo 2
Fluminense 2 x Botafogo 2
Botafogo 1 x Olaria 0
São Cristóvão 0 x Botafogo 4
Botafogo 1 x Vasco 1
Bonsucesso 0 x Botafogo 3
Botafogo 3 x Canto do Rio 0
Madureira 1 x Botafogo 3
Botafogo 2 x Portuguesa 1
América 1 x Botafogo 2
Botafogo 2 x Bangu 0
Flamengo 1 x Botafogo 1
Botafogo 2 x Fluminense 2
Olaria 0 x Botafogo 1
Botafogo 4 x São Cristóvão 1
Vasco 0 x Botafogo 4
Botafogo 1 x América 2
Botafogo 3 x Bangu 1
Botafogo 3 x Flamengo 0
Botafogo 1 x Fluminense 0
Botafogo 2 x Olaria 1
Botafogo 2 x São Cristóvão 0
Botafogo 2 x Vasco 1

Campanha 1962
América 0 x Botafogo 1
Botafogo 0 x Bangu 0
Bonsucesso 0 x Botafogo 1
Botafogo 0 x Campo Grande 1
Canto do Rio 0 x Botafogo 2
Botafogo 3 x Flamengo 1
Fluminense 0 x Botafogo 2
Botafogo 4 x Madureira 0
Olaria 2 x Botafogo 2
Botafogo 2 x Portuguesa 0
São Cristóvão 2 x Botafogo 5
Botafogo 0 x Vasco 1
Botafogo 3 x América 1
Bangu 1 x Botafogo 1
Botafogo 4 x Bonsucesso 1
Campo Grande 0 x Botafogo 2
Botafogo 2 x Canto do Rio 1
Botafogo 1 x Fluminense 0
Madureira 1 x Botafogo 6
Botafogo 2 x Olaria 0
Portuguesa 1 x Botafogo 2
Botafogo 0 x São Cristóvão 0
Vasco 1 x Botafogo 1
Flamengo 0 x Botafogo 3

TORNEIO RIO–SÃO PAULO
1962

bes tenham sido a base da Seleção bicampeã no Chile. O Botafogo era festa certa nas arquibancadas — festa com os dribles chaplinianos de Garrincha, com os lançamentos milimétricos e chutes venenosos de Didi, com os torpedos disparados por Quarentinha — um artilheiro frio, mas eficientíssimo — ou com a fibra cheia de categoria de Amarildo. Isto sem falar na aula da mais refinada técnica que Nílton Santos dava a cada intervenção no jogo. Só resta lamentar que o videoteipe, então recém-inventado, não tenha registrado para sempre aqueles mágicos momentos de um futebol irretocável que o mais do que nunca glorioso Botafogo proporcionava aos torcedores.

1955 a 1960 **Real Madrid**

A LINHAGEM DA REALEZA

Com o ideal de vitória de seu presidente, o Real Madrid ergueu um império na Europa

As taças do penta europeu: ninguém nunca conseguiu ganhar tantas vezes a Copa dos Campeões

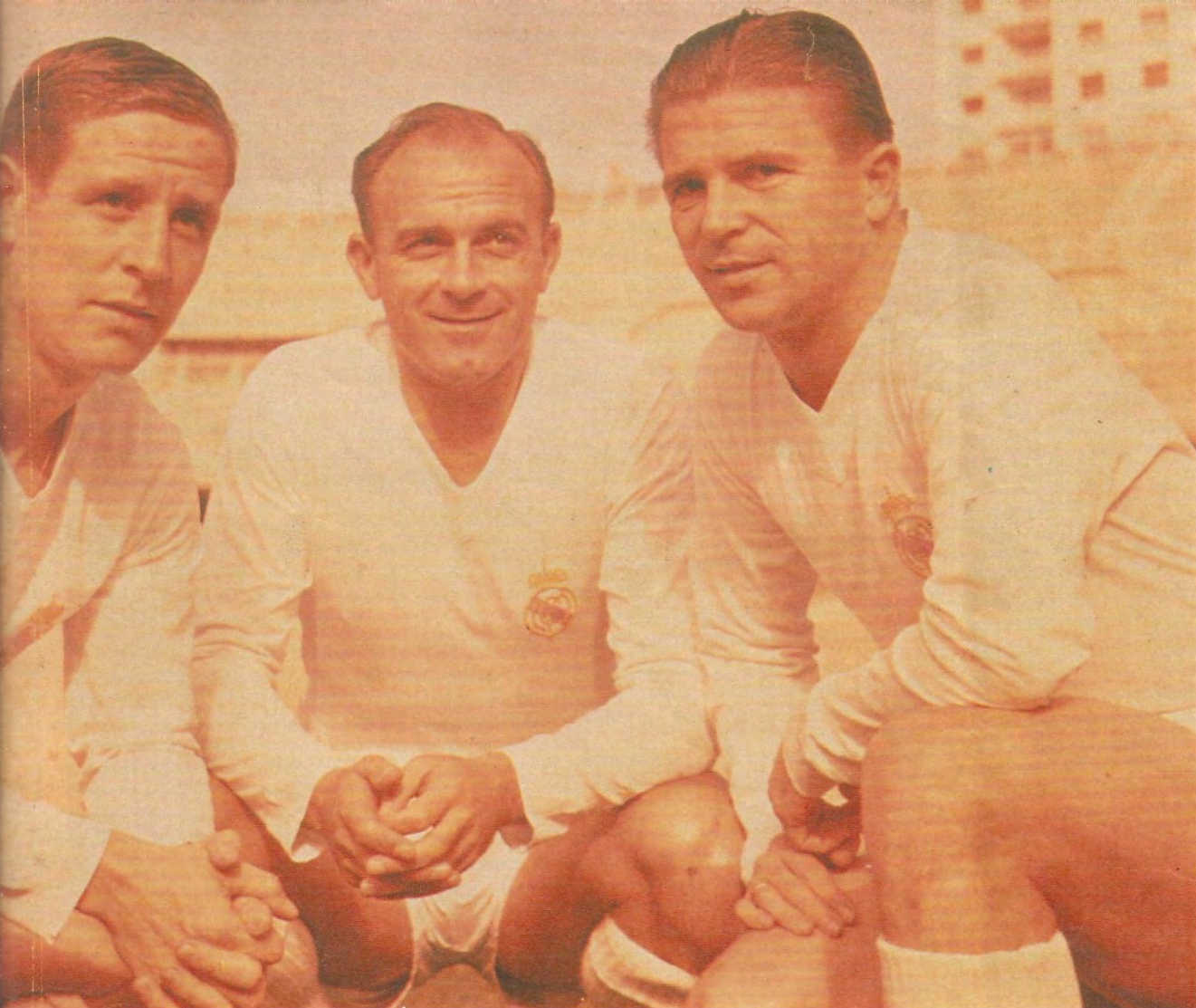
ABRIL

Os reis europeus. Em pé: Domingues, Marquitos, Santamaria, Casale, Vidal e Pachin; agachados: Canário, Del Sol, Di Stefano, Puskas e Gento

ABRIL

Quase toda a Espanha odiava aqueles onze craques. Por mais que se procurasse uma explicação, era impossível entender por que Di Stefano, Puskas e seus companheiros, que encantavam o mundo com a camisa do Real Madrid, não rendiam o mesmo pela Seleção Espanhola — na época os jogadores defendiam o país onde moravam. Os torcedores do Real Madrid, no entanto, compreendiam perfeitamente o desempenho de seus ídolos. Mais do que talento, eles sabiam que o que movia o maior time da década de 50 era a força de um homem que só exigia de seus discípulos um compromisso diário com a vitória: o presidente Santiago Bernabeu.

Desde os anos 20, quando era zagueiro do clube, Bernabeu alimentava o sonho de formar a melhor equipe do mundo. Quando assumiu a presidência, no início da década de 40, ele deu início a um trabalho planificado que começou com a construção de um gigantesco estádio no bairro Chamartin, com capacidade para 120 mil pessoas.

O passo seguinte foram as contratações. Após ver uma exibição do Millonarios de Bogotá, em Madrid, Bernabeu se encantou pelo futebol de dois jogadores argentinos: Di Stefano e Nestor

PRESSE SPORTS

Kopa, Di Stefano e Puskas formaram uma verdadeira seleção mundial com a camisa do Real Madrid

ABRIL

Em 1960, o Real Madrid conquistou o mundial interclubes, realizando finalmente o sonho de Santiago Bernabeu

Rossi. As negociações com o jogador e o River Plate — a quem pertencia seu passe — foram longas, mas, em 1953, Di Stefano se transferia para a Espanha. Nestor Rossi, porém, preferiu continuar na Colômbia. Em seguida chegava o ponta-esquerda Gento, contratado ao Santander.

Com o embrião formado, o Real venceu o bicampeonato espanhol de 1954 e 1955 e se credenciou a disputar a Copa dos Campeões, abrindo espaço para as conquistas internacionais. Para isso, o técnico Villalonga pediu as contratações do lateral Marquitos — outro do Santander — e do meia Rial. Com eles, a torcida sentiu pela primeira vez o gosto de ter a Europa aos pés, vencendo a Copa dos Campeões de 1956, em uma inesquecível final contra o Reims, da França, quando virou para 4 x 3 um jogo que

EFE

ABRIL

Di Stefano foi o símbolo da fase dourada do Real. Além de gols, tinha dedicação e ajudava a marcar

Depois de disputar a final européia de 1956 pelo Reims, Kopa foi para a Espanha se acostumar a vencer

perdia por 2 x 0 e 3 x 2.

Mas o sonho de Santiago Bernabeu era maior. Por isso, em seguida era contratado o atacante francês Kopa. Um ano depois, em 1957, era a vez do húngaro Puskas, que abandonara o Honved por estar descontente com a situação política de seu país. A FIFA, no entanto, o obrigou a cumprir uma suspensão de dois anos, por ter se desligado do clube sem autorização. Quando entrou no time, em 1959, o Real já havia conquistado o bicampeonato espanhol de 1957 e 1958 e o tri da Copa dos Campeões, em 1958. Já tinham chegado ao clube os brasileiros Didi — que logo foi embora acusando Di Stefano de boicotá-lo — e Canário. E o técnico Villalonga fora substituído pelo argentino Luis Carniglia. Uma coisa, pelo menos, não tinha mudado. A filosofia da equi-

PRESSE SPORTS

pe continuava sendo alcançar a vitória em tudo o que disputava.

Assim, com Puskas, viria também o pentacampeonato europeu em 1960, em uma final contra o Eintrach Frankfurt, da Alemanha, em que o Real deixou claro que não possuía apenas o melhor conjunto da Europa, mas os dois principais craques do planeta. Na vitória por 7 x 3, Puskas marcou quatro vezes, deixando para Di Stefano a responsabilidade pelos outros três. Um mês depois, o Real conquistaria o título mundial vencendo o Peñarol por 5 x 1 em Madri. Dali em diante, o ideal de Santiago Bernabeu morreria e o time jamais seria o mesmo. A concretização do sonho do presidente, no entanto, deixou intacto o respeito por aquelas onze camisas brancas. Afinal, até hoje todo o mundo sabe que para vesti-las é preciso ser digno da realeza.

A FIFA suspendeu Puskas por dois anos. Mas valeu esperar. Seus gols valeram o último europeu

CAMPANHAS QUE GARANTIRAM O TRONO

CAMPEONATO ESPANHOL
1957 e 1958

COPA DOS CAMPEÕES
1956, 1957, 1958, 1959 e 1960

Campanha 1956
Servette (SUÍ) 0 x Real Madrid 3
Real Madrid 5 x Servette (SUÍ) 0
Real Madrid 4 x Partizan (IUG) 0
Partizan (IUG) 3 x Real Madrid 0
Real Madrid 4 x Milan (ITA) 2
Milan (ITA) 2 x Real Madrid 1
Real Madrid 4 x Stade Reims (FRA) 3

Campanha 1957
Real Madrid 4 x Rapid Viena (ÁUS) 2
Rapid Viena (ÁUS) 3 x Real Madrid 1
Real Madrid 2 x Rapid Viena (ÁUS) 0
Real Madrid 3 x Nice (FRA) 0
Nice (FRA) 2 x Real Madrid 3
Real Madrid 3 x Manchester United (ING) 1
Manchester United (ING) 2 x Real Madrid 2
Real Madrid 2 x Fiorentina (ITA) 0

Campanha 1958
Antuérpia (BÉL) 1 x Real Madrid 2
Real Madrid 6 x Antuérpia (BÉL) 0
Real Madrid 8 x Sevilla (ESP) 0
Sevilla (ESP) 2 x Real Madrid 2
Real Madrid 4 x Vasas (HUN) 0
Vasas (HUN) 2 x Real Madrid 0
Real Madrid 3 x Milan (ITA) 2

Campanha 1959
Real Madrid 2 x Besiktas (TUR) 0
Besiktas (TUR) 1 x Real Madrid 1
SK Viena (ÁUS) 0 x Real Madrid 0
Real Madrid 7 x SK Viena (ÁUS) 1
Real Madrid 2 x Atlético Madrid (ESP) 1
Atlético Madrid (ESP) 1 x Real Madrid 0
Real Madrid 2 x Atlético Madrid (ESP) 1
Real Madrid 2 x Stade Reims (FRA) 0

Campanha 1960
Real Madrid 7 x Jeunesse Esch (LUX) 0
Jeunesse Esch (LUX) 2 x Real Madrid 5
Nice (FRA) 3 x Real Madrid 2
Real Madrid 4 x Nice (FRA) 0
Real Madrid 3 x Barcelona (ESP) 1
Barcelona (ESP) 1 x Real Madrid 1
Real Madrid 7 x Eintrach Frankfurt (ALE) 3

MUNDIAL INTERCLUBES
1960

Decisão
Peñarol (URU) 0 x Real Madrid 0
Real Madrid 5 x Peñarol (URU) 1

Biro-Biro marcou dois na final e garantiu o título de 1982. Um guerreiro que conduziu o meio-campo

RONALDO KOTSCHO

O bi em 1983. Em pé: Leão, Sócrates, Casagrande, Eduardo, Biro-Biro e Zenon; agachados: Mauro, Alfinete, Paulinho, Juninho e Wladimir

TRIBUTO À LIBERDADE

Inspirado pelo diálogo com a diretoria, o Timão conquistou o bicampeonato paulista e provou que a democracia deixava o povo feliz

ABRIL

Todo poder emana do povo. Se existe um time brasileiro que conhece a fundo esse valor democrático é o Corinthians. Afinal, em toda a história, sua força veio da torcida, sempre empurrando a equipe à vitória. Por isso, nos primeiros meses de 1982, o time estendeu a democracia das arquibancadas para dentro do clube, criando um relacionamento entre jogadores e dirigentes em que predominava o diálogo. O resultado foi a formação da melhor equipe paulista do início da década de 80 e uma das principais do Brasil.

Mas, mais do que a liberdade de expressão, o time tinha outra qualidade: a habilidade de seus jogadores. No meio-campo, por exemplo, o time reunia o talento de craques como Sócrates, Zenon e Biro-Biro. Na defesa tinha a competência de Wladimir. No ataque, a irreverência do jovem artilheiro Casagrande, então com 19 anos. Com tudo isso, eram

ABRIL

Sócrates marcou na final de 1983. Na hora da decisão, o gênio crescia

J.B. SCALCO

Com seus lançamentos perfeitos, Zenon foi o maestro do bicampeonato

RONALDO KOTSCHO

Em 1982, Casagrande fez 28 gols e foi o artilheiro da competição

praticamente inevitáveis as conquistas. O time chegou rapidamente ao bicampeonato paulista em 1982 e 1983.

Nas duas campanhas, a Fiel só teve alegrias. Como nos 5 x 1 contra o Palmeiras no primeiro turno de 1982, com três gols de Casagrande, que acabaria também artilheiro do campeonato com 28 dos 75 gols marcados pelo ataque corintiano.

No ano seguinte, chegariam Leão e Juninho para acertar a defesa. Assim, para chegar ao bi, o Corinthians sofreu apenas duas derrotas em 43 jogos. O único adversário poderia ser o São Paulo, vencido na final com um 1 x 0 e o empate de 1 x 1. Em seguida o sonho da democracia seria desfeito com as saídas de Sócrates, Casagrande e da diretoria comandada por Valdemar Pires, que iniciou a experiência. Ficou apenas a saudade de um tempo em que, nas arquibancadas, todos sabiam que democracia era o time do povo, feito para alegrar o povo.

J. B. SCALCO

Sócrates ergue a taça. Um líder que viu a democracia frutificar

CONQUISTA DEMOCRÁTICA

CAMPEONATO PAULISTA

1982 e 1983

Campanha 1982

26 vitórias
8 empates
6 derrotas
75 gols pró
33 gols contra

Campanha 1983

24 vitórias
17 empates
2 derrotas
68 gols pró
39 gols contra

O poder da informação em suas mãos.

A arma mais eficaz para ajudá-lo a ganhar a batalha pela competência, no trabalho e na vida em geral, é a informação.

A revista VEJA traz, a cada semana, a melhor munição, procurando dar sempre notícias exclusivas e revelando não só os fatos em si, mas o que existe por trás deles. Assim, coloca o leitor nos bastidores dos acontecimentos, mostrando como esses fatos afetam sua vida.

Para ficar bem informado, você precisa de VEJA. Porque ler é saber. Mas ler VEJA é saber e poder.

Editora Abril

Cosi & Sergino

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 178
ANO 24 - Nº 16 - Cr$ 520,00
17 DE ABRIL DE 1991

veja

NCY REAGAN
scândalo da biografia

O BRASIL VERDE

Poucos países do mundo têm hoje tantas chances de vencer a batalha da preservação ecológica como o Brasil. A chave para isso está na defesa de um tesouro natural único: os 30 milhões de hectares de seus 120 parques e reservas florestais

ue Nacional
erra da Bocaina,
io de Janeiro

Cruzeiro

CONSTELAÇÃO DE CRAQUES

Promovendo garotos, o Cruzeiro montou um time digno de vestir sua camisa estrelada

Os campeões da Taça Brasil. **Em pé:** *Neco, Pedro Paulo, Piazza, Vítor, Raul e Procópio;* **agachados:** *Natal, Tostão, Evaldo, Dirceu Lopes e Hílton Oliveira*

Ninguém podia deixar de respeitar um time cujo meio-campo conseguia reunir o talento de craques como Piazza, Dirceu Lopes e Tostão. Supor que aquele bando de meninos, recém-promovidos dos juvenis, pudesse ameaçar o reinado de verdadeiras seleções como o Santos de Pelé e o Palmeiras de Ademir da Guia, porém, parecia um certo exagero. Mal sabia o país que o Cruzeiro da segunda metade dos anos 60 tinha o mesmo poder revelado pela camisa amarela de seu goleiro Raul: subverter as tradições e fazer todo o Brasil encarar de frente uma nova realidade.

As mudanças começavam pela juventude dos jogadores. Até então, poucos imaginariam que fosse possível formar um meio-campo tão forte e inexperiente ao mesmo tempo. No melhor momento da equipe — a conquista da Taça Brasil de 1966 —, Tostão, de 19 anos, e Dirceu Lopes, de 20, eram comandados por outro garoto um pouco mais velho: Piazza, com 23. Mas os meninos eram travessos e costumavam pregar peças históricas, como no empate em 3 x 3 contra o Atlético, em 1967, quando reagiram após estarem perdendo por 3 x 0,

FOTOS ABRIL

Dirceu Lopes e Tostão: lado a lado, os dois fizeram do Cruzeiro o maior time do futebol brasileiro

NÉLIO RODRIGUES

Tostão armava o time, mas também chegava para concluir. Seus gols amedrontavam até o Santos de Pelé

deixando irados os atleticanos.

E, além de travessos, eram ambiciosos. Minas Gerais, por exemplo, já não era capaz de satisfazê-los. Afinal, nos cinco anos em que o império azul se manteve inatingível, a equipe conquistou os campeonatos mineiros de 1965, 1966, 1967, 1968 e 1969. Por isso, enquanto para os atleticanos vencer o Cruzeiro era questão de honra, os cruzeirenses já tinham em mente vencer os grande clubes do resto do país. E o Santos foi o primeiro a sentir na pele essa força. Na final da Taça Brasil de 1966, o time de Pelé acabou goleado no Mineirão por imperdoáveis 6 x 2.

Para os que pensaram que aquele fora apenas um acidente, o Cruzeiro repetiu a dose no Pacaembu. Após sair perdendo por 2 x 0, com gols de Pelé e Toninho Guerreiro e demonstrar até um certo receio por jogar na casa dos adversários, os garotos se superaram e viraram o marcador para 3 x 2. Tostão marcou aos 19 do segundo tempo, Dirceu Lopes empatou aos 28 e Natal fez o gol do título aos 44 da etapa final.

Mas a sorte do Cruzeiro não se

ABRIL

Raul não irritava os atleticanos apenas por atrair as mulheres. No gol, era a segurança cruzeirense

FOTOS ABRIL

Em 1967, o empate, após estar perdendo por 3 x 0, aumentou o ódio atleticano

resumia em ter um grupo de jogadores maravilhosos. No banco de reservas, havia um técnico capaz de entender seu papel de orientador, dando total liberdade aos craques: Aírton Moreira, terceiro integrante de uma família de treinadores famosos em que despontavam Aymoré e Zezé Moreira.

A liberdade oferecida resultava em um futebol alegre, ofensivo e cheio de gols. Dirceu Lopes era o responsável pela criação das jogadas e explorava insistentemente os velozes pontas Natal e Hílton Oliveira. No comando do ataque, Evaldo entortava os zagueiros com uma técnica apuradíssima. Tudo sob a regência de um jogador de toques mágicos e colocação perfeita, cuja importância era sentida tanto na criação quanto na conclusão das jogadas: Tostão.

A eficiência da equipe podia ser medida pelos números. No Campeonato Mineiro de 1967, por exemplo, a equipe marcou

Hílton Oliveira leva o Cruzeiro ao ataque: em 1966, os meninos não respeitaram a casa do Rei

72 vezes e sofreu apenas vinte gols, com um invejável saldo de 52 gols. Prova de que nem só do ataque viviam os cruzeirenses. Na defesa, longe de serem símbolos de classe, Pedro Paulo, William, Procópio e Neco não davam sossego aos atacantes. Não importava sequer que fosse preciso parar as jogadas de forma violenta, como faziam costumeiramente Pedro Paulo e William. A exceção era Neco, capaz de dominar a bola como se a tivesse presa aos pés.

As mesmas armas usadas pela defesa cruzeirense, no entanto, foram responsáveis pelo começo da desestruturação da equipe. Em um jogo contra o Corinthians, um chute do zagueiro Ditão atingiu o olho direito de Tostão, provocando um deslocamento de sua retina. O craque cruzeirense ainda disputaria a Copa do Mundo de 1970 e jogaria pelo clube até 1972, antes de se transferir para o Vasco, onde encerraria a carreira em 1974. Depois disso, Dirceu Lopes, Piazza e Raul — os últimos remanescentes — ainda levariam a equipe aos vice-campeonatos brasileiros de 1974 e 1975. Nem isso, porém, conseguiu esconder que o brilho das estrelas cruzeirenses havia morrido com a transferência de seu maior craque, deixando apenas saudade de um tempo em que Minas era a capital do futebol brasileiro.

Piazza foi o maestro de um meio-campo jovem, apesar dos 23 anos

No ataque, Natal colocava velocidade e perturbava as defesas adversárias

JAMAIS VENCIDO NA TAÇA BRASIL

CAMPEONATO MINEIRO
1965, 1966, 1967, 1968 e 1969

TAÇA BRASIL
1966

Campanha
Americano-RJ 0 x Cruzeiro 4
Cruzeiro 6 x Americano-RJ 1
Grêmio 0 x Cruzeiro 0
Cruzeiro 2 x Grêmio 1
Cruzeiro 1 x Fluminense 0
Fluminense 1 x Cruzeiro 3
Cruzeiro 6 x Santos 2
Santos 2 x Cruzeiro 3

Cruyjff encarnava em campo a filosofia do Ajax. Sem posições fixas, a ordem era sufocar o adversário

PRESSE SPORTS

REVOLUÇÃO TOTAL

Depois da passagem do Ajax pelos campos europeus, desfazendo a tradição das posições fixas, o futebol se transformou completamente

Em pé: Kovacs, Keizer, Blankenburg, Cruyjff, Suurbier, Schilcher, Gerrie Muhren, Arnold Muhren, Neeskens, Hulshoff e Haarms; sentados: Swart, Rep, Haan, Wever, Stuy, Krol, Kleton e Mulder

ABRIL

Foi uma revolução em tempos de paz. Por ordem, os comandados de Rinus Michels tinham a derrubada de todos os conceitos e tradições vigentes. Para isso, a estratégia era invadir o território adversário em blocos, penetrando pelos espaços vazios, sem permitir que o adversário pensasse. E deu resultado. Sem poder de reação, o mundo viu o Ajax conquistar tudo o que disputou no início dos anos 70. Logo o estilo avassalador daqueles

PRESSE SPORTS

Depois do tri da Europa, o Ajax comemora com a camisa da Juventus

holandeses ganharia um nome: futebol total.

Mais do que a surpresa de ver tantas novidades de uma única vez, o planeta se perguntava como era possível que elas viessem da inexpressiva Holanda — até então o país tinha disputado apenas as Copas do Mundo de 1934 e 1938, sendo eliminado na primeira fase. A resposta, soube-se em pouco tempo, podia ser facilmente encontrada nos nomes de duas das maiores figuras da história do futebol: Rinus Michels e Hendrik Johaness Cruyjff.

O primeiro estudava cada espaço vazio a ser ocupado e os indicava aos jogadores do banco de reservas. O outro orientava os companheiros nos deslocamentos e organizava todas as engrenagens da equipe dentro de campo. Com eles, os títulos chegaram com a mesma velocidade com que o time levava a bola da defesa ao ataque. A partir da entrada no clube de Rinus Michels, em 1964, o Ajax venceu os Campeonatos Holandeses de 1966, 1967 e 1968. No ano seguinte, chegava à final da Copa dos Campeões contra o Milan. A experiência dos italianos em torneios continentais, porém, era maior: o Ajax acabou derrotado por 4 x 1.

SERGIO SADE

O estilo do Ajax dominou a Holanda, que usou metade da equipe na Copa de 1974

Mas os craques já haviam sido revelados em profusão por Rinus Michels. Além de Cruyjff, o time já contava com Suurbier e em seguida seria promovido Neeskens — ambos titulares da Holanda na Copa do Mundo de 1974. Com eles, mais o líbero iugoslavo Vasovic e o ponta Keizer — o mais velho e capitão da equipe —, o Ajax ganhou o Campeonato Holandês de 1970 e novamente se classificou para a Copa dos Campeões. A essa altura, os jogado-

PRESSE SPORTS

Cruyjff ergue a taça do bi europeu em 1972. O primeiro título com o técnico Stefan Kovacs

res já tinham a maturidade suficiente para não se deixar vencer. Em uma campanha que incluiu uma vitória por 3 x 0 contra o Atlético Madrid e por 2 x 0 na final contra o Panathinaikos, treinado por Ferenc Puskas, veio o título continental. A Europa percebia, definitivamente, que era preciso respeitar a velocidade e os deslocamentos dos holandeses.

Os resultados alcançados pelo Ajax chamaram a atenção de clubes já consagrados do continente. Assim, Rinus Michels não resistiu a uma proposta do Barcelona e se transferiu para a Espanha em 1971. Em seu lugar assumiu Stefan Kovacs, trazendo, em vez de idéias inovadoras, um jeito franco e amigo de lidar com os jogadores. O esquema de jogo, porém,

ZEKA ARAÚJO

Neeskens foi uma das revelações que deram certo em um time de feras

continuava o mesmo. A única coisa fixa era a idéia de vencer. Com Kovacs veio a reconquista da hegemonia na Holanda em 1972 — em 1971 o campeão fora o Feyenoord — e o bicampeonato da Copa dos Campeões em uma final contra a Internazionale de Milão, que terminou em 2 x 0 com dois gols de Cruyjff. No ano seguinte, com um gol de Rep, o Ajax chegou ao tri em um dramático 1 x 0 contra a Juventus de Turim, em Belgrado.

Talvez por não se afinar com a lentidão dos movimentos do planeta, o clube preferiu não conquistá-lo por completo. Apenas em 1972 disputou a final do Mundial Interclubes, vencendo o Independiente por 3 x 0 em Amsterdã, após empatar em 0 x 0 em

Em 1971, Wembley viu o Ajax ganhar a primeira Copa dos Campeões. Foi só o aperitivo para o melhor time do planeta

POPPERFOTO

Buenos Aires. Nas outras duas vezes que tinha direito a disputar o título, o Ajax cedeu o lugar aos vice-campeões europeus de 1971 e 1973, respectivamente o Panathinaikos e a Juventus de Turim. A razão era a violência dos times sul-americanos, principalmente dos uruguaios e argentinos — a primeira renúncia foi a uma final contra o Nacional, e a segunda contra o Independiente. Mesmo assim, todo o mundo reverencia até hoje os craques que revolucionaram o esporte no mundo. Afinal, depois da passagem de Cruyjff, Neeskens, Rep, Haan, Krol, Rinus Michels e da revolução que fizeram nos campos da Europa, o futebol perdeu a natureza estática que tinha até então e passou a ser totalmente diferente.

O CAMINHO DO TRI EUROPEU

COPA DA HOLANDA
1970, 1971 e 1972

CAMPEONATO HOLANDÊS
1970, 1972 e 1973

COPA DOS CAMPEÕES
1971, 1972 e 1973

Campanha 1971
17 Nentori (ALB) 2 x Ajax 2
Ajax 2 x 17 Nentori (ALB) 0
Ajax 3 x Basel (SUÍ) 0
Basel (SUÍ) 1 x Ajax 2
Ajax 3 x Celtic (ESC) 0
Celtic (ESC) 1 x Ajax 0
Atlético Madrid (ESP) 1 x Ajax 0
Ajax 3 x Atletico Madrid (ESP) 0
Final
Ajax 2 x Panathinaikos (GRÉ) 0

Campanha 1972
Ajax 2 x Dínamo Dresden (ALEM.OR.) 0
Dínamo Dresden (ALEM.OR.) 0 x Ajax 0
Olympique Marselha (FRA) 1 x Ajax 2
Ajax 4 x Olympique Marselha (FRA) 1
Ajax 2 x Arsenal (ING) 1
Arsenal (ING) 0 x Ajax 1
Ajax 1 x Benfica (POR) 0
Benfica (POR) 0 x Ajax 0
Final
Ajax 2 x Internazionale (ITÁ) 0

Campanha 1973
CSKA (BUL) 1 x Ajax 3
Ajax 3 x CSKA (BUL) 0
Ajax 4 x Bayern (ALE) 0
Bayern (ALE) 2 x Ajax 1
Ajax 2 x Real Madrid (ESP) 1
Real Madrid (ESP) 0 x Ajax 1
Final
Ajax 1 x Juventus (ITÁ) 0

MUNDIAL INTERCLUBES
1972
Decisão
Independiente (ARG) 1 x Ajax 1
Ajax 3 x Independiente (ARG) 0

São Paulo

A ALEGRIA DA BOLA NOS PÉS

Com uma política ousada de renovação, o São Paulo revelou craques e conquistou o Brasil

Müller era o terror dos zagueiros e a alegria da torcida. Seus gols o fizeram símbolo do estilo ofensivo tricolor

LEVI MENDES JR.

Os campeões de 1985. Em pé: Oscar, Gilmar, Falcão, Darío Pereyra, Nelsinho e Zé Teodoro; agachados: Márcio Araújo, Müller, Careca, Pita e Silas

NICO ESTEVES

A velocidade com que o ponta Müller, recém-promovido da equipe júnior, puxava os contra-ataques expressava bem o ritmo da evolução do São Paulo, que encantou o Brasil entre 1985 e 1986: um relâmpago. Em exatamente um ano, o técnico Cilinho transformou um grupo de jovens desconhecidos em verdadeiras vedetes do futebol nacional, com direito à convocação para a Seleção Brasileira

ABRIL

NICO ESTEVES

Atleta de Cristo, Silas fazia o diabo com as defesas com a bola nos pés

Careca foi o artilheiro do Paulista de 1985 e do Brasileiro de 1986. Em vez de seriedade, a torcida era só alegria

que disputou a Copa do Mundo de 1986 e a um tratamento digno das maiores estrelas dos campos do país.

A alegria demonstrada por garotos como Müller, Silas e Sídney com a bola nos pés, acompanhada pelo talento já consagrado do artilheiro Careca e do meia Pita, contagiou toda a torcida são-paulina. De crítica da política de renovação do presidente Carlos Miguel Aidar, ela se tornou a principal defensora da idéia, a ponto de aplaudir de pé o empate em 2 x 2 com o Grêmio que provocou a eliminação do Campeonato Brasileiro de 1985. Afinal, a beleza do futebol demonstrado pelos Menudos — como foi apelidada a equipe — transmitia a certeza de que em pouco tempo o melhor time do Brasil seria tricolor.

Para o Campeonato Paulista, a diretoria resolveu dar um toque de experiência para ganhar o título. Da Itália, chegava um dos melhores jogadores do planeta: Paulo Roberto Falcão.

Cilinho, no entanto, demorou algum tempo para ter certeza de que havia lugar na equipe para o

A experiência de Pita ajudou a amadurecer os Menudos e o levou de volta à Seleção

EDU GARCIA

O Rei de Roma quase foi deposto no Morumbi. Cilinho só o escalou nas finais

antigo Rei de Roma. Em várias partidas, o técnico escalou Márcio Araújo na cabeça-de-área e colocou Falcão no banco de reservas. Nas finais, porém, ele voltou para ser um dos maestros que conduziram o time ao título, nas vitórias contra a Portuguesa por 3 x 1 e 2 x 1.

No ano seguinte, já sem Falcão, que abandonou os campos após a Copa do México, nem Cilinho, substituído por Pepe, veio a maior glória da equipe. Os Menudos já haviam disputado uma Copa do Mundo, estavam mais amadurecidos e, liderados por Careca, chegaram ao título nacional, mostrando o mesmo futebol alegre e contagiante do ano anterior. E até o destino parecia se entusiasmar com o estilo ofensivo do São Paulo. Nas quartas-de-final, contra o Fluminense, um gol impossível de Careca em um chute da linha de fundo garantiu a vitória por 2 x 0. Na decisão contra o Guarani, o mesmo Careca marcou no último minuto da prorrogação, assegurando a artilharia do campeonato e consolidando um empate em 3 x 3 — 1 x 1 no tempo normal. Assim, a decisão ficou para os pênaltis e terminou com a vitória tricolor por 4 x 3.

Mas a Itália, que ajudou a consolidar a fama da equipe com a contratação de Falcão em 1985, foi a responsável pela sua desestruturação. Logo após a conquista

SÉRGIO BEREZOVSKY

Bernardo faz o primeiro do São Paulo na final de 1986

FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

Careca comemora o gol do título brasileiro. Um herói nos momentos decisivos

Sídney era veloz e envolvia as defesas com dribles curtos e precisos

do título brasileiro, o Napoli levaria Careca para formar, com Maradona, a melhor dupla de ataque do futebol mundial. Dali em diante, mesmo com Müller, Silas, Pita e a volta de Cilinho, em maio de 1987, a alegria do futebol não foi a mesma. Se ainda havia a explosão e a velocidade de antes — simbolizadas por Müller —, capazes de dar o título paulista de 1987, faltavam a técnica e o carisma nas decisões de seu principal artilheiro. Por isso, mesmo tendo até hoje o prazer de muitas vitórias, os são-paulinos já não desfrutam o sabor de poder ver, a cada rodada, o futebol rápido e envolvente que um dia apaixonou o Brasil.

EM 1986, O MELHOR DO BRASIL

CAMPEONATO PAULISTA
1985
CAMPEONATO BRASILEIRO
1986
Campanha
Coritiba 0 x São Paulo 1
Sobradinho-DF 1 x São Paulo 1
São Paulo 1 x Bangu 1
São Paulo 4 x Ceará 0
São Paulo 0 x Inter-RS 0
São Paulo 4 x Sampaio Correa 0
Fluminense 2 x São Paulo 3
Operário-MS 1 x São Paulo 2
Remo 0 x São Paulo 2
São Paulo 3 x Sport 2
Ponte Preta 0 x São Paulo 2
São Paulo 2 x Santos 0
São Paulo 2 x Bangu 0
São Paulo 1 x América-RJ 1
São Paulo 0 x Palmeiras 0
Joinville 0 x São Paulo 0
Treze 1 x São Paulo 0
São Paulo 5 x Botafogo 0
São Paulo 0 x Santos 0
América 0 x São Paulo 0
São Paulo 4 x Treze 1
Botafogo 0 x São Paulo 0
São Paulo 6 x Ponte Preta 1
São Paulo 2 x Palmeiras 2
São Paulo 5 x Joinville 0
Bangu 1 x São Paulo 0
Inter-SP 2 x São Paulo 1
São Paulo 3 x Inter-SP 0
Fluminense 1 x São Paulo 0
São Paulo 2 x Fluminense 0
São Paulo 1 x América 0
América 1 x São Paulo 1
Final
São Paulo 1 x Guarani 1
Guarani 1 x São Paulo 1
(Na prorrogação, 2 x 2; nos pênaltis, São Paulo 4 x 3)

1941 - 1949 **River Plate**

UMA MÁQUINA DE FAZER GOLS

Mais que um time, o grande River dos anos 40 foi um estilo de jogo criado por gênios

ABRIL

O início, em 1941. Em pé: Iácono, Cadilla, Ramos, Vaghi, Rodolfi e Barrios; agachados: Muñoz, Moreno, Pedernera, Peucelle e Labruna

Quis o destino que se reunissem em uma mesma equipe, o aristocrático River Plate, de Buenos Aires, alguns dos maiores jogadores que já nasceram na Argentina — do goleiro Carrizo ao ponta-esquerda Loustau, passando por monstros sagrados como Labruna e Di Stefano. Pena que isso tenha ocorrido nos anos 40, em plena Segunda Guerra Mundial, o que matou as possibilidades do país em Copas do Mundo e do próprio clube, que, pela inexistência de disputas oficiais fora de suas fronteiras, limitou as conquistas ao campeonato argentino. Não fosse assim, pergunta-se até hoje, quais seriam os limites para *La Maquina*, como era chamado aquele supertime?

Difícil responder. O que se sabe é que o fenômeno surgiu no Campeonato Argentino de 1941, para ser campeão com um ataque avassalador, autor de 75 gols em trinta jogos: Muñoz, Moreno, Pedernera, Peucelle e Labruna. No ano seguinte, o bi. E uma grande descoberta: o fenomenal Loustau entra na ponta-esquerda e o ex-jogador Peucelle, agora técnico, desloca o ex-ponteiro Pedernera para o comando do ataque. Eram os últimos ajustes na máquina: somando seus gols, Muñoz, Moreno, Pedernera, Labruna e Lostau, o novo ataque que entraria para a história, fizeram mais de 700.

"Nada de bicos!", era o lema de Pedernera. Apenas uma das filosofias daquele que era mais que um time de futebol, constituindo-se em um novo conceito de como jogar. Foi, para os que o viram, o primeiro ataque no mundo em que os jogadores não guardavam posição fixa.

Jogando assim, o River protagonizou alguns dos maiores espetáculos que os gramados argentinos já presenciaram. Como o jogo decisivo do segundo turno de 1942, contra o Boca Juniors, em La Bombonera. O time da *banda roja* (faixa vermelha) só necessitava de um empate, mas o Boca virou, ganhando de 2 x 0. No segundo tempo, porém, nem o entusiasmo de sua torcida seguraria *La Maquina*. E com dois gols de Pedernera o River sai-

ABRIL

Durante catorze anos, Loustau infernizou defesas, abrindo caminho com seus dribles fáceis pela esquerda

ABRIL

O cruzamento para a área executado por Muñoz recebeu dos argentinos o apelido de puñalada

Só Labruna ficou para ser campeão nove vezes, de 1941 a 57. Fez 289 gols em 514 jogos

ABRIL

ria bicampeão de La Bombonera. Mais: aplaudido de pé pela torcida do Boca, como reconhecimento máximo àquela grande equipe.

Entre seus ídolos, nenhum como Angel Labruna, o maior artilheiro da história do clube, com 289 gols. Ele sobreviveria ao fim do esquadrão, campeão ainda em 1945 e 1947, para conquistar outros títulos pelo clube (o bi em 1952 e 1953 e o tri, de 1955 a 1957). Voltaria ainda como técnico, em 1975, para dar fim ao grande jejum de dezoito anos pelo qual o River passaria. No gol, quatro nomes revezaram-se nas diferentes fases do esquadrão: Sirni, o uruguaio Barrios, o peruano Soriano e Amadeo Carrizo, recordista na defesa do clube de 1945 a 1968.

Completavam aquele grande time os zagueiros Vaghi e Rodriguez, implacáveis marcadores; os laterais Ramos, mestre nos cabeceios, e Iácono, um especialista em salvar gols certos, com o goleiro já batido; e o meio-campo Nestor Rossi, um dos muitos que depois iriam para a Colômbia disputar a liga condenada pela FIFA. Peças defensivas, mas não menos importantes no funcionamento daquela máquina platina.

A máquina engrenou de vez com Pedernera, que era ponta, no comando do ataque

HUMBERTO GONZALES

TÍTULOS DOS MILIONÁRIOS

CAMPEONATO ARGENTINO
1941
30 Jogos
19 Vitórias
6 Empates
5 Derrotas
1942
30 Jogos
20 Vitórias
6 Empates
4 Derrotas
1945
30 Jogos
20 Vitórias
6 Empates
4 Derrotas
1947
30 Jogos
22 Vitórias
4 Empates
4 Derrotas

1978 - 1983

Rei da galera atleticana, Reinaldo esteve em todas as campanhas do hexa

ARMÊNIO ABASCAL

GALO FORTE E VINGADOR

Cansado de apanhar do Cruzeiro, o Atlético montou um timão, seis vezes campeão de Minas

HIPÓLITO PEREIRA

Este time, de 81, já era tetra. **Em pé:** *João Leite, Orlando, Osmar, Luizinho, Toninho Cerezo e Jorge Valença;* **agachados:** *Tita, Geraldo, Reinaldo, Renato e Éder*

Uma vingança contra o Cruzeiro de Tostão & Cia., que dominou o futebol mineiro e foi um dos maiores times do Brasil nos anos 60 e início dos 70. Assim pode ser encarado o Atlético Mineiro hexacampeão estadual de 1978 a 1983, que também esteve entre os quatro melhores do Campeonato Brasileiro em 1983 e foi vice em 1980. Uma equipe formada com a missão única de superar as conquistas do seu arquiinimigo.

Em Minas, isto foi conseguido até com relativa facilidade. Se nos bons tempos o máximo que o Cruzeiro havia conseguido fora um pentacampeonato, de 1965 a 1969, o Galo respondeu com o hexa. Na primeira campanha, a de 1978, a base da equipe era o time de garotos que havia encantado o Brasil no Campeonato Nacional de 1977: uma campanha invicta, irretocável, só interrompida com a derrota nos pênaltis, para o São Paulo, na final. Ficaram o seguro goleiro João Leite, o eficiente lateral Alves, o maestro Toninho Cerezo, o incansável Paulo Isidoro e o habilidoso Ziza. Sobretudo o artilheiro Reinaldo. E, com eles, veio o primeiro título estadual da nova era. Já com o clássico quarto-zagueiro Luizinho e os reforços dos experientes Chicão e Palhinha, e do talentoso Éder, o time

Durante cinco campanhas, Cerezo foi o dono do meio do campo no Galo. Depois, foi para a Roma

O caminho do gol passava pela ponta esquerda: lá estava o canhão de Éder

perderia um novo Campeonato Brasileiro, desta vez para o Flamengo, no Maracanã. No seu terreiro, o Galo não perdoava: já era tri e, no ano seguinte, 1981, partiria para o tetracampeonato.

Uma feliz coincidência reuniu naquele time quatro dos maiores craques que já vestiram, em todos os tempos, a camisa alvinegra: Luizinho, Toninho Cerezo e Éder, titulares da Seleção Brasileira na Copa da Espanha, em 1982, e Reinaldo, a quem a torcida chamou de "nosso rei" durante todas as campanhas de 1978 a 1983. Deles, só Toninho Cerezo não estava presente na última campanha, quando o Galo levantou seu sexto título consecutivo derrotando o Nacional, de Uberaba, por 3 x 0. Antes disso, é claro, o Cruzeiro havia sofrido um sonoro 4 x 0 durante o campeonato. Mais uma daquele Galo forte e vingador.

AS SEIS TAÇAS DO GALO

CAMPEONATO MINEIRO
1978, 1979, 1980, 1981, 1982 e 1983

Campanha 1978
19 vitórias
6 empates
3 derrotas
46 gols pró
12 gols contra

Campanha 1979
27 vitórias
10 empates
6 derrotas
82 gols pró
22 gols contra

Campanha 1980
18 vitórias
1 empate
1 derrota
55 gols pró
9 gols contra

Campanha 1981
19 vitórias
8 empates
5 derrotas
50 gols pró
20 gols contra

Campanha 1982
23 vitórias
5 empates
8 derrotas
59 gols pró
24 gols contra

Campanha 1983
25 vitórias
9 empates
5 derrotas
62 gols pró
25 gols contra

1955 - 1958

Manchester United

O goleiro Gregg foi um dos nove jogadores que escaparam com vida da tragédia de Munique, que destroçou o brilhante time do Manchester

Em pé: Edwards, Mark Jones, Ray Wood, Bob Charlton e Bill Foulkes; sentados: John Berry, Bill Whelan, Roger Byrne, David Peg e Eddie Colman. Esta equipe prometia reerguer o prestígio do futebol inglês

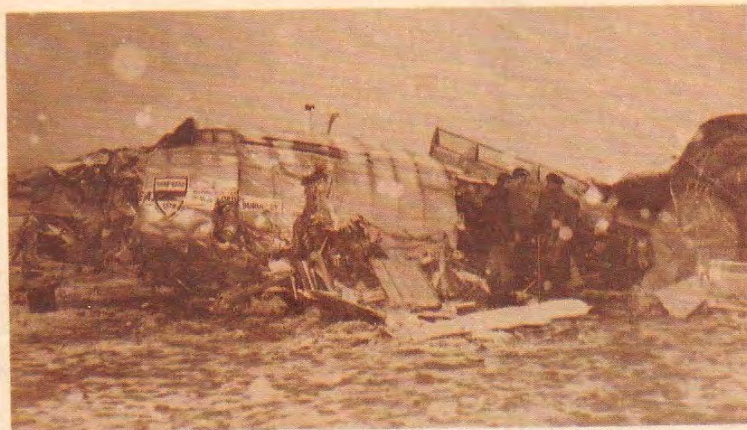
UM SONHO QUE SE TORNOU REAL

Durante anos, um homem juntou jogador a jogador até formar uma equipe que virou lenda

Se há um time que os torcedores britânicos jamais esquecerão é o do Manchester United bicampeão da Inglaterra em 1956 e 1957. Ainda hoje eles acreditam que, se não fosse o desastre aéreo que destroçou aquela equipe em fevereiro de 1958, no aeroporto de Munique (Alemanha), a própria história do futebol mundial talvez fosse outra. Afinal, o Manchester era a base da Seleção Inglesa que disputaria, meses depois, a Copa da Suécia; e, completa, tinha enormes chances de chegar ao título, conquistado pelo Brasil.

De fato, aquele Manchester possuía inúmeras qualidades. Primeiro, era uma equipe jovem, solidária e altamente dedicada. Além disso, atuava sempre procurando o gol, chegando a aplicar goleadas históricas, como os 10 x 0 sobre o Anderlecht, campeão belga, em partida válida pela Copa Européia dos Campeões de 1956. Tudo bem de acordo com as idéias do manager Matt Busby, que sonhava em formar um time capaz de elevar de novo o prestígio do futebol inglês, abalado pelos fiascos nas Copas do Mundo de 1950 e 1954.

Atrás de seu sonho, Busby garimpou pacientemente, durante anos, craques ainda em formação nas equipes colegiais e nos juvenis tanto do seu próprio como dos outros clubes. Foi assim que juntou no

FOTOS POPPERFOTO

Depois do desastre que matou oito titulares, o que restou do avião foi um monte de ferro. Ao lado, Bobby Charlton, um sobrevivente, dá entrevista no hospital

ABRIL

Charlton vingou-se do destino: ganhou o título mundial em 1966, pela Seleção Inglesa

Manchester nomes como o do meia Bobby Charlton (campeão mundial pela Inglaterra em 1966) e o lateral-esquerdo Duncan Edwards, considerado o mais completo jogador de sua época (era tão bom que estreou no time com 15 anos e na Seleção com 17).

Busby também não economizava para formar o seu time ideal: em 1953, investiu 30 000 libras, uma fortuna na época, em um jovem atacante promissor chamado Tommy Taylor, então juvenil do Barnsley. "Dinheiro no banco não tem qualquer utilidade para uma equipe de futebol", dizia. "Você deve colocá-lo em campo, que é onde o público pode vê-lo." E a torcida do Manchester viu realmente durante três anos, de 1955 a 1958, onde estava o dinheiro do clube — nos gols de Taylor, na categoria de Charlton e Edwards, na raça do pequeno lateral-direito Colman e na liderança do zagueiro Byrne. Todas essas qualidades individuais juntas fizeram do Manchester uma escola de futebol veloz, vibrante e ofensivo. No entanto, o sonho se esfacelou em Munique. E a Inglaterra custou a se refazer da tragédia.

AS TAÇAS DO MANCHESTER

CAMPEONATO INGLÊS
1956 e 1957

Campanha 1956
25 vitórias
10 empates
7 derrotas
83 gols pró
51 gols contra

Campanha 1957
28 vitórias
8 empates
6 derrotas
103 gols pró
54 gols contra

1975 - 1976 **Fluminense**

COMPRAM-SE ESTRELAS

A filosofia do presidente Horta era ter um grande jogador em cada posição. No fim de 1976, apesar das dívidas, o Flu era bi carioca

Todas as peças da Máquina.* Em pé: *Renato, Carlos Alberto Pintinho, Torres, Edinho, Rubens Galaxie e Rodrigues Neto;* agachados: *Gil, Cléber, Doval, Rivelino e Dirceu

Talvez tenha sido a velha máxima do futebol que diz "compra, que a torcida paga" a responsável pelo impulso consumista que se apossou do presidente Francisco Horta, do Fluminense, no início de 1975. Um dia após sua posse, em 6 de fevereiro, o cartola tricolor não fez por menos: viajou para São Paulo e, aproveitando-se da recente derrota do Corinthians na final do Campeonato Paulista do ano anterior, trouxe ninguém menos que Rivelino, por três milhões de cruzeiros, para comandar o supertime de seus sonhos, que seria apelidado de Máquina.

E era só o começo. Naquele mesmo ano, Rivelino juntou-se a Félix, Toninho Baiano, Marco Antônio, Carlos Alberto Pintinho, Manfrini, Gil e Paulo César Caju para levantar o primeiro título estadual de sua carreira. A campanha ficou marcada pela goleada de 4 x 1 sobre o Vasco, e, no ano seguinte, viriam mais craques e grandes resultados para o Flu.

FOTOS RODOLPHO MACHADO

Mal-amado no Corinthians, Rivelino chegou ao Flu para liderar um time de craques e, finalmente, ser campeão. Foi bi

LUÍS PAULO MACHADO

Reforçado pelo goleiro Renato, o capitão Carlos Alberto Torres (agora de zagueiro-central), Edinho, Doval e Dirceu, todos jogadores de nível de Seleção, a maioria trazida a peso de ouro, o tricolor, depois de 35 anos, voltaria a conquistar um bicampeonato. E com resultados inesquecíveis: 4 x 2 e 3 x 0 no Vasco e 5 x 1 no Botafogo.

O gol de Doval, já na prorrogação da final contra o Vasco, bastaria para justificar o investimento naquela equipe, que chegou, ainda, às semifinais de dois Campeonatos Brasileiros, em 1975 e 1976. Com a venda de Rivelino para o futebol árabe, porém, o sonho se desfez. Inconformado com a dívida deixada (que chegava, na época, a mais de 195 mil dólares), o conselho do clube cassou o título de benemérito de Horta, o mentor da Máquina. Que acabou pagando, sozinho, o preço daqueles dias de glória.

No auge de sua forma, o polivalente Dirceu foi muito útil na conquista do bi carioca, tanto na ponta-esquerda quanto na armação

No meio do campo, o dono era Carlos Alberto Pintinho, que chegou a jogar na Seleção

Ja em fim de carreira, Carlos Alberto Torres voltou ao clube em que começou. Um tricolor de alma e coração

O discutido Paulo César Caju foi um dos craques trazidos a peso de ouro. E pagou sua dívida com gols e boas atuações

O BI CARIOCA DA MÁQUINA

CAMPEONATO CARIOCA
1975 e 1976
Campanha 1975
20 vitórias
5 empates
5 derrotas
58 gols pró
20 gols contra
Campanha 1976
24 vitórias
6 empates
3 derrotas
70 gols pró
24 gols contra

1943 - 1949 **Torino**

SAUDADE À ITALIANA

Cinco vezes campeão, o grande Torino acabou em um desastre aéreo, no auge de seu futebol

FOTOS ABRIL

Valentino Mazzola fez 54 gols nas temporadas de 1947 e 1948. Melhor jogador do time, foi o maior ídolo da Itália em todos os tempos

O time que veio ao Brasil. Em pé: *Grezar, Bacigalupo, Maroso, Rigamonti, Martelli e Mazzola;* agachados: *Ossola, Menti, Ballarin, Loik e Gabetto*

"*Forza, vecchio cuore granata*" (Força, velho coração grená). A frase foi escrita em uma das faixas que a torcida do Torino, da Itália, levava aos estádios anos depois da tragédia de Superga, a basílica com que o avião que levava a equipe colidiu, em maio de 1949. Retratava todo o lamento pela perda de seu time, cinco vezes campeão italiano. Mais que isso: consolava o país, que, de uma só vez, vira desaparecer a base de sua Seleção.

Fundado em 1906, o Atlético Clube Torino, ou Toro, como diz a torcida, conquistara o primeiro *scudetto* em 1928. E o único até surgir aquele grande time dos anos 40. O primeiro aviso aos papões havia sido dado em 1942: um vice-campeonato, com 60 gols marcados. Diz-se até hoje

Gabetto também fazia muitos gols

que o título só não veio porque na final, contra a Roma, Mussolini, o ditador italiano, esteve presente, torcendo ostensivamente para o time da capital.

Mas nem o fascismo seria capaz de parar aquela equipe fantástica, que, em 1947, cederia dez jogadores para a Itália derrotar a Hungria por 3 x 2. Só o goleiro Bacigalupo não jogou — mesmo assim porque estava machucado. Sentimenti IV,

Bacigalupo, o goleiro, foi o único que não enfrentou a Hungria, em 47: estava machucado

da Juventus, o substituiu, e era o único não-torinense com a camisa da Azzurra naquele dia. Faziam companhia a Bacigalupo na defesa grená jogadores de fino trato, que contrariavam a tradição italiana de manter atletas mais ríspidos na zaga. Ballarin, Rigamonti e Martelli eram três deles. O ponta-de-lança Loik e os pontas Menti e Ossola (às vezes substituído por Ferraris) faziam companhia a Gabetto e Valentino Mazzola, uma dupla de ataque infernal. Juntos, eles marcaram mais de 150 gols nos Campeonatos Italianos de 1942 a 1949.

Mazzola era um caso à parte: bicampeão mundial em 1934 e 1938, verdadeiro ídolo nacional, levava o filho Alessandro, futuro jogador da Seleção e da Inter de Milão, como mascote nos jogos do Torino.

Praticamente pentacampeão da Itália — ganhou os campeonatos de 1943, 1946, 1947, 1948 e 1949 (em 1944 e 1945 não houve campeonato, por causa da guerra)

FOTOS ABRIL

O menino Sandro Mazzola, com o pai famoso: mascote do Torino e futuro ídolo da Inter

Faltavam só quatro jogos para o final do campeonato que o Torino já havia ganho. Então, juvenis e reservas receberam as faixas

—, aquela equipe esteve no Brasil, no ano anterior ao acidente. Empatou com o São Paulo (2 x 2), o Palmeiras (1 x 1) e venceu a Portuguesa (4 x 1). Só perdeu de 2 x 1 para o Corinthians, que, após o acidente aéreo, lhe faria uma homenagem, jogando uma partida no Pacaembu com as camisas grenás. Foi a única vez que o clube brasileiro abriu mão de seu uniforme tradicional.

Voltando de Lisboa, onde havia disputado um amistoso com o Benfica, o avião da Alitalia que trazia a delegação do Torino matou todos os tripulantes. Faltavam quatro rodadas para o fim do Campeonato Italiano, e, apesar de todos os demais participantes se oferecerem para dar o título ao Torino, considerando a disputa encerrada, juvenis e reservas entraram em campo para cumprir os compromissos restantes. Ganharam todos e receberam, chorando, as faixas de campeão.

Torcida e clube não morreram: juntos, voltaram a ganhar o scudetto em 1976. Consolo para o vecchio cuore

DUFOTO

Depois do desastre, só sobraram os destroços do avião da Alitalia. E desolação para os tiffosi do Toro, que nunca mais veriam um time como aquele

O PENTA DO TORINO

CAMPEONATO ITALIANO
1943, 1946, 1947, 1948 e 1949

Campanha 1943
20 vitórias
4 empates
6 derrotas
68 gols pró
31 gols contra

Campanha 1946
30 vitórias
4 empates
6 derrotas
108 gols pró
32 gols contra

Campanha 1947
28 vitórias
7 empates
3 derrotas
104 gols pró
35 gols contra

Campanha 1948
29 vitórias
7 empates
4 derrotas
125 gols pró
33 gols contra

Campanha 1949
25 vitórias
10 empates
3 derrotas
78 gols pró
34 gols contra

Grêmio

PARA SEMPRE NA HISTÓRIA

Mordido pelo tri brasileiro do Inter, o tricolor monta um timaço e conquista o mundo

O grande capitão De León ergue a taça da Libertadores. Depois, só o mundo

PEDRO MARTINELLI

O time de Tóquio. Em pé: Paulo Roberto, Mazarópi, Baidek, China, Casemiro e De León; agachados: Renato, Osvaldo, Tarciso, Paulo César e Mário Sérgio

IURANDIR SILVEIRA

Para a torcida do Grêmio, o tricampeonato brasileiro ostentado pelo arquiinimigo Internacional era simplesmente inaceitável. Nem mesmo a conquista do título nacional em 1981 satisfez a alma gremista, que sonhava com as grandes vitórias ainda inéditas para o adversário — a Libertadores e o Mundial Interclubes. Por isso, em 1983, todo o esforço do tricolor foi investido para alcançar estes dois objetivos. Misturando jogadores experientes, como De León, Tita e Tarciso, com craques saídos das divisões inferiores do clube — Paulo Roberto, China, Renato e Baidek —, o Grêmio entrou na Libertadores daquele ano para vencê-la. Com técnica, quando pudesse; com determinação, sempre.

E não deu outra. Nas finais con-

JURANDIR SILVEIRA

Renato não só desmontou a defesa do Hamburgo com seus dribles como ainda marcou os dois gols do título mundial

LEMYR MARTINS

Mário Sérgio foi contratado apenas para o jogo de Tóquio. O esforço valeu

LEMYR MARTINS

tra o Peñarol, campeão das Américas no ano anterior, o tricolor empatou a primeira partida em Montevidéu (1 x 1) e venceu a segunda em Porto Alegre (2 x 1). Agora, só faltava o mundo. E, no dia 10 de dezembro, o tricolor entrava no Estádio Nacional de Tóquio para enfrentar o Hamburgo, o campeão da Europa. Até esta partida, foram meses de esforços imensos e dedicação extrema. Os dirigentes, dispostos a montar um esquadrão, contrataram os experientes Paulo César Caju e Mário Sérgio apenas para este jogo.

E foi uma partida bonita e emocionante. Aos 38 do primeiro tempo, Renato deu três dribles em seu marcador e chutou forte para marcar o primeiro gol. O Hamburgo empatou aos 41 do segundo, com Jakobs. Veio a prorrogação e o endiabrado Renato, depois de deixar seu marcador outra vez sentado no chão, fez o gol da vitória — o gol da conquista do mundo. O Grêmio, aquele Grêmio, colocava a sua marca para sempre na história do futebol.

JOGOS QUE FIZERAM A TERRA AZUL

LIBERTADORES DA AMÉRICA

1983

Campanha

Grêmio 1 x Flamengo 1
Blooming (BOL) 0 x Grêmio 2
Bolívar (BOL) 1 x Grêmio 2
Grêmio 2 x Blooming (BOL) 0
Grêmio 3 x Bolívar (BOL) 1
Flamengo 1 x Grêmio 3
Grêmio 2 x Estudiantes (ARG) 1
América (COL) 1 x Grêmio 0
Grêmio 1 x América (COL) 0
Estudiantes (ARG) 3 x Grêmio 3

Final

Peñarol (URU) 1 x Grêmio 1
Grêmio 2 x Peñarol (URU) 1

MUNDIAL INTERCLUBES

1983

Decisão

Grêmio 2 x Hamburgo (ALE) 1

1950 - 1956 **Honved**

FUTEBOL COMO PURA FANTASIA

Reunidos pelo Exército Húngaro, craques fabulosos inundaram os estádios com gols e alegria

Em pé: ***Sandor, Kocsis, Budai II, Puskas e Czibor;*** **no meio:** ***Bozsic, Dudas e Kotazs;*** **agachados:** ***Rakocsi, Grosics e Banay. Este era o fabuloso Honved***

Durante a primeira metade da década de 50, não houve no mundo equipe tão brilhante como o Honved, o time do Exército Vermelho da Hungria. Suas partidas eram espetáculos primorosos de técnica, habilidade e fantasia. Formado por alguns dos maiores craques que o futebol já viu em qualquer época — Bozsic, Kocsis, Puskas e Czibor, entre outros —, o Honved jogava pelo mais puro prazer, sem se importar muito quando o adversário marcava um gol — respondia com três ou quatro.

A ascensão do Honved como equipe começou em 1949, depois que o vice-ministro de Esportes, Gustav Sebes, teve sua atenção despertada para um modesto time de bairro de Budapeste, o Kilpest, líder do campeonato naquele ano. Sebes interessou-se, em especial, por dois jovens craques daquela surpreendente equipe: Puskas e Bozsic. Como ambos estavam em idade de servir o Exército, foram rapidamente convocados. A semente do poderoso Honved estava plantada.

A partir daí, a história do time se confunde com a própria história do futebol húngaro. Enquanto o clube ganhava os títulos nacionais de 1950, 1952, 1954 e 1955, a Seleção chegou a ficar 32 partidas invicta, um recorde que nem mesmo a Sele-

O time descansa na boca do túnel do Maracanã, no intervalo de uma das partidas contra o Flamengo

FOTOS AG. O GLOBO

Da esquerda para a direita, *Budai II, Kocsis, Szusza, Puskas e Czibor:* um ataque de encher os olhos

Copa de 1954: a máquina húngara (camisa escura), *à base do Honved,* perde para a Alemanha

ção Brasileira conseguiu bater. E nas grandes campanhas da Seleção Húngara — a conquista do título olímpico de 1952 e o vice-campeonato mundial em 1954 —, nada menos do que sete jogadores do Honved estavam presentes.

No entanto, assim como a política uniu esse time maravilhoso, a mesma política o desfez sete anos depois. A equipe acabara de jogar com o Atlético de Bilbao, em Bruxelas, pela Copa Européia dos Campeões quando foi surpreendida pela notícia de que a Hungria fora invadida pelas tropas do Pacto de Varsóvia. A delegação resolveu então não voltar para Budapeste. E, apesar da proibição da FIFA, viajaram para o Brasil e Venezuela, para realizar vários amistosos. No Brasil, fizeram ao todo quatro jogos, e uma verdadeira chuva de gols: derrota para o Flamengo por 6 x 4; vitória sobre o Botafogo por 4 x 2 e Flamengo por 3 x 2; e derrota para o combinado Fla-Bota por 6 x 2. Na volta para a Europa, a equipe se dispersou de vez: Puskas, por exemplo, foi para o Real Madrid e Kocsis e Czibor para o Barcelona. O Honved estava desfeito, mas ficaria para sempre na memória dos torcedores.

ABRIL

1987 - 1990 **Napoli**

MARADONA, MARAVILHA

Maradona chegou, atraiu novos craques para o seu lado e transformou o Napoli num timaço como nunca houve no sul da Itália

Acima: ***Carnevale, Alemão, Di Fusco, Giuliani, Francini e Corradini;*** **no meio:** ***Bigliardi, Tarantino, Mauro, Bigon*** **(téc.),** ***Maradona, Crippa e Ferrara;*** **sentados:** ***Renica, De Napoli, Careca, Neri, Zola, Fusi e Baroni***

Por alegres quatro anos, os torcedores napolitanos dividiram o lugar que São Genaro ocupava em seus corações com uma outra divindade, esta de carne e osso: Maradona. E nada mais justo. Afinal, o cracaço argentino elevou o Napoli à categoria de um time respeitado e vencedor. Com ele, a equipe ganhou os campeonatos italianos de 1987 e 1990, a Copa da Itália de 1987 e a Copa da UEFA, em 1989.

Levantar a Copa da Itália até que pode não ser considerado um grande feito, pois o clube já havia conquistado as de 1962 e 1976. Porém, os dois títulos nacionais e o da Copa da UEFA foram uma façanha nunca antes atingida. E o Napoli, então apenas um clube médio do sul pobre da Itália, passou a ser encarado, com toda a justiça, como uma das grandes forças do futebol mundial, um esquadrão capaz de encher de orgulho seus torcedores e impor respeito a qualquer adversário.

No entanto, de 1984, ano em que Maradona chegou a Nápoles, até a conquista do seu primeiro *scudetto*, em 1987, faltava ainda ao time aquele *algo mais*. E talvez aí esteja de fato a grande importância do genial argentino: atrair para o seu lado craques inquestionáveis como Careca e Alemão. Foi com a chegada dos dois

SIPA PRESS

Careca joga a bola por baixo das pernas do adversário: a classe a mais que faltava ao time

PASTORE REPOR PRESS

O brasileiro Alemão: outra peça importante na engrenagem do grande Napoli, com sua garra e categoria

SERGIO SADE

Maradona teve um lugar especial no coração napolitano. Muito justo: foi ele quem começou tudo

PASTORE REPOR PRESS

Autor de vários gols decisivos, Carnevale foi um dos destaques italianos da equipe

brasileiros que o Napoli ganhou aquela dose extra de classe capaz de levá-lo a novas e maiores conquistas, não só nos campos da Itália como também da Europa.

E isso ficou bastante claro em 1989, na disputa do título da Copa da UEFA contra o Stuttgart. Na primeira partida, Careca fez o gol da vitória de 2 x 1. No segundo jogo, Alemão abriu o marcador e novamente Careca disse presente, fazendo o terceiro, no empate de 3 x 3. "São" Maradona, porém, acabou se envolvendo depois com coisas nada celestiais e, com a sua saída forçada do time, o Napoli perdeu o passo. Seja como for, os torcedores jamais esquecerão o maior esquadrão que o sul da Itália já viu.

O NAPOLI É A ITÁLIA

COPA DA ITÁLIA
1987

CAMPEONATO ITALIANO
1987 e 1990
Campanha 1987
15 vitórias
12 empates
3 derrotas
41 gols pró
21 gols contra
Campanha 1990
21 vitórias
9 empates
4 derrotas
55 gols pró
31 gols contra

COPA DA UEFA
1989

CARTAS

Os quatro melhores do Brasil desde 1971

Muito se fala dos campeões e vices do Campeonato Brasileiro, mas gostaria também de conhecer os terceiros e quartos colocados de cada ano.

Fernando Gomes
Porto Alegre, RS

Aí vão, pela ordem, os terceiros e quartos colocados, Fernando: 1971 - Botafogo e Corinthians; 1972 - Inter-RS e Corinthians; 1973 - Cruzeiro e Inter-RS; 1974 - Santos e Inter-RS; 1975 - Fluminense e Santa Cruz; 1976 - Atlético-MG e Fluminense; 1977 - Operário-MS e Londrina; 1978 - Inter-RS e Vasco; 1979 - Coritiba e Palmeiras; 1980 - Coritiba e Inter-RS; 1981 - Ponte Preta e Botafogo-RJ; 1982 - Guarani e Corinthians; 1983 - Atlético-PR e Atlético-MG; 1984 - Grêmio e Corinthians; 1985 - Brasil-RS e Atlético-MG; 1986 - América-RJ e Atlético-MG; 1987 - Atlético-MG e Cruzeiro (Copa União); 1988 - Fluminense e Grêmio; 1989 - Cruzeiro e Botafogo-RJ; 1990 - Grêmio e Bahia; 1991 - Atlético-MG e Fluminense.

Carlos Alberto já na Seleção

Com a saída de Falcão, é a vez de colocarmos Carlos Alberto Silva de volta ao lugar de onde nunca deveria ter saído.

Éverton dos Santos Freire
São Luís, MA

NÉLIO RODRIGUES

Na primeira final disputada no interior, deu Corinthians

Escudos internacionais

Gostaria de ter em minha coleção os escudos do Boca Juniors, da Argentina, do Cosmos (EUA) e dos chilenos Cobreloa e Colo-Colo.

Elizeu Diniz de Medeiros
Cacoal, RO

Só faltava o Taffarel

Excelente a Edição dos Goleiros (PLACAR 1062). Só faltou mesmo uma foto de Taffarel fazendo uma de suas grandes defesas. Por isso, peço que a publiquem agora.

Ronnimar de Paiva Paula
Natal, RN

O Timão campeão de 1988

Publiquem uma foto do Corinthians campeão paulista de 1988, no dia da final contra o Guarani. Gostaria também de ter a escalação do Timão naquele jogo.

Marcelo Lopes Mendes
São Paulo, SP

O Corinthians ganhou seu vigésimo título paulista com um gol de Viola, na prorrogação, jogando em Campinas. Ronaldo, Édson, Marcelo, Denílson e Dida; Biro-Biro, João Paulo e Márcio (Paulinho Gaúcho); Viola, Éverton (Wílson Mano) e Paulinho Carioca foram os campeões.

A verdade sobre o tabu

Como se pode afirmar que o Corinthians ficou onze anos sem ganhar do Santos, de 1957 a 1968, se o Timão, conforme publicado na edição 1060, sobre os grandes clássicos, venceu por quatro vezes neste período?

Nilo Bastos Dutra
São Vicente, SP

É verdade, Nilo. O Corinthians venceu o Santos por 2 x 1 (27/3/1958), 2 x 1 (21/3/1960), 2 x 0 (29/3/61) e 3 x 1 (16/3/1962). Nenhuma destas partidas, porém, valia pelo Campeonato Paulista. E o tabu de onze anos sem vitórias sobre o Peixe refere-se apenas a este campeonato.

Taffarel agarra firme: cena constante em sua carreira

ARI GOMES

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.

ESCRITÓRIOS

BRASIL

Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1085, FAX: (031) 337-2166

Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tels.: (0473) 22-1060, (0482) 26-0902

Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress

Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 23281

Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79050, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685

Cuiabá: r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78000, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674

Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566

Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873

Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607

Goiânia: r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (062) 241-3756

João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328

Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891

Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 29-4177/5899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 29-4857

Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896

Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769

Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress

Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583

São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126

Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010, tels.: (027) 222-3185, 223-9633, FAX: (027) 222-6219

EXTERIOR

Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972

Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições.

Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 823-9222

ANER

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.